

RELATÓRIO DE ESTÁGIO N'A BELA E O MONSTRO

BEATRIZ DA NAVE COTRIM

MARTINS NARCISO

**RELATÓRIO DE ESTÁGIO DO MESTRADO EM
EDIÇÃO DE TEXTO**

LISBOA

JUNHO 2020

Agradecimentos

Já que a vida é melhor quando a podemos partilhar com quem mais gostamos, não poderia deixar de fazer um agradecimento a todas as pessoas que direta ou indiretamente me apoiaram durante este mestrado e, em especial, neste ano letivo e me deram a força e a motivação para que pudesse chegar, com sucesso, ao fim desta etapa da minha vida.

Em primeiro lugar, queria agradecer a Rui Zink que prontamente aceitou ser o meu orientador deste estágio e me ajudou em tudo aquilo que necessitava, dando conselhos, advertências e me permitiu que, através da sua experiência, pudesse dar o meu melhor.

Depois, a João Pinto de Sousa, o meu orientador no local de estágio, e a Maria João Ribeiro que me deram uma oportunidade incrível, confiando em mim para os ajudar, deixando-me sempre à vontade como se já fizesse parte da sua editora e família desde sempre.

Por fim, mas não menos importante, aos meus pais um obrigado por me ouvirem a reclamar, quando estava rabugenta e cansada e por me apoiarem incondicionalmente. Às minhas amigas, Joana, Catarina, Laura, Bruna e Margarida, obrigada por me manterem com os pés na terra e aturarem as minhas crises existenciais.

Relatório de Estágio apresentado para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Edição de Texto realizado sob a orientação científica do Professor Rui Zink.¹

¹ Versão corrigida e melhorada após defesa pública

Relatório de Estágio n’A Bela e o Monstro

RESUMO

O presente relatório descreve o estágio curricular realizado na editora A Bela e o Monstro, entre Setembro e Dezembro de 2019. Este visa dar a conhecer os projetos desenvolvidos e as funções desempenhadas, como por exemplo, edição de textos para o jornal *Público*, tradução de textos para o Centro Cultural de Cabo Verde em Lisboa, para os projetos “Médicos Escritores” e “Morna – Música Rainha de Nós Terra”, respetivamente, bem como a participação nas apresentações das coleções mencionadas. Por último, são feitas algumas reflexões sobre o período de estágio.

Palavras-chave: Edição, Texto, Livros, Estágio, A Bela e o Monstro

ABSTRACT

This report describes the curricular internship carried out at A Bela e o Monstro, between September and December 2019. It aims to make the projects developed and the duties performed known, such as, for example, editing texts for the *Público* newspaper, translating texts for the Cultural Center of Cape Verde in Lisbon, for the projects “Médicos Escritores” and “Morna – Música Rainha de Nós Terra”, respectively, as well as the participation in the presentations of the mentioned collections. Finally, some reflections about the intership period are made.

Keywords: Publishing, Text, Books, Internship, A Bela e o Monstro

Índice

<i>Introdução</i>	1
1. <i>A Bela e o Monstro</i>	3
1.1. <i>Catálogo</i>	3
1.2. <i>Parcerias</i>	4
1.2.1. <i>O jornal Público</i>	4
1.2.2. <i>O Expresso das Ilhas</i>	5
1.3. <i>Método de Trabalho</i>	5
1.4. <i>Lista de Projetos</i>	6
1.5. <i>Lista de Funções</i>	8
1.6. <i>Experiência Pessoal</i>	10
2. <i>Trabalho Prático</i>	12
2.1. <i>Edição e Revisão de Textos para o Jornal</i>	12
2.1.1. <i>Cortes</i>	12
2.1.2. <i>Ortografia e Variantes Linguísticas</i>	15
2.1.3. <i>Política do “Não-Corte”</i>	17
2.1.4. <i>Edição Manual</i>	18
2.2. <i>Tradução de Textos</i>	19
2.2.1. <i>Princípio da Língua Materna</i>	20
2.2.2. <i>Tradução de Textos para a Coleção “Morna – Rainha de Nôs Terra”</i>	21
2.2.3. <i>Palavras em crioulo, nomes de músicas, géneros musicais</i>	22
2.2.4. <i>Secção Repetida</i>	23
2.3. <i>Apresentações/Lançamentos</i>	23
2.3.1. <i>Coleção “Médicos Escritores”</i>	24
3.1.1. <i>Apresentação “Morna: Sons, Personagens e Sentimentos”</i>	26
3. <i>Reflexões Finais</i>	28
<i>Bibliografia</i>	30
<i>Anexos</i>	31

Introdução

Desde o início do meu mestrado em Edição de Texto, em Setembro de 2018, já tinha em mente que não iria fazer tese, mas sim um estágio, pois considerava que era bastante importante adquirir alguma experiência de trabalho, tanto para comprovar que a Edição era realmente a minha paixão, como para aprofundar as minhas competências e ter algumas bases práticas que me iriam ajudar na minha futura vida profissional.

Assim, logo que se deu por terminada a componente letiva em Junho de 2019, foi necessário começar a pensar no próximo passo a dar. Para isso, elaborei o meu currículo e, numa primeira fase, selecionei algumas editoras que considerava como sendo as minhas primeiras opções e enviei-lhes o meu currículo. Muitas vezes não obtive resposta de alguma delas ou a sua resposta foi negativa, dizendo que não aceitavam estagiários, pois a empresa era pequena e não possuíam ninguém para me orientar ou que as vagas disponíveis já estavam preenchidas. Desta forma, comecei a enviar o meu currículo para várias outras instituições que, apesar de não serem a minha primeira escolha, continuavam a ser boas opções.

Até que, no dia 6 de Setembro, recebo um e-mail de João Pinto de Sousa da editora A Bela e o Monstro. Este perguntou-me se poderíamos marcar uma entrevista telefónica para o dia seguinte, uma vez se encontrava fora do país. Nessa entrevista, o João perguntou-me mais sobre o meu percurso académico, ficando admirado por estar a tirar um mestrado em Edição de Texto. Da mesma forma, também me perguntou o que me tinha atraído na editora, ao que respondi que gostava muito da premissa da instituição: partilhar cultura e torná-la mais acessível às massas, aliando a edição mais “comum” (livros) com os jornais, uma vez que esta editora colabora principalmente com jornais, tais como o jornal *Público* ou o jornal *Expresso das Ilhas* de Cabo Verde. Igualmente, perguntou-me quais eram as minhas expectativas e as minhas competências, tentando perceber em que medida é que eu poderia ser útil para a editora.

Após esta entrevista, disseram-me que ficaria na editora. Por pura coincidência, a coleção “Médicos Escritores” estava prestes a ser lançada e iria ter a duração do meu estágio, facto que ajudou ainda mais para que eu ficasse a colaborar na editora. Para o efeito, junto com João Pinto de Sousa, foi elaborado um plano de estágio no qual ficaram definidas as tarefas a desempenhar, apesar de estas, no final do estágio, terem sido muito mais alargadas do que as que constavam no plano inicial. Comecei o meu estágio no dia 9 de Setembro e terminei-o no

dia 31 de Dezembro de 2019. Desta forma, o presente relatório visa dar a conhecer o trabalho desenvolvido ao longo da componente não-letiva, estando organizado em três capítulos.

O primeiro capítulo refere-se à história da editora onde estagiei, ao seu catálogo e às suas parcerias. A Bela e o Monstro Edições é uma editora que, segundo a sua página do Facebook, se foca na cultura, tentando fazer da edição “um ato de partilha e de paixão”. O seu objetivo é tornar cada objeto especial, contemporâneo e acessível. As suas coleções tentam sempre inovar e renovar a tradição portuguesa, mantendo as raízes da sua marca e do património, tocando em várias áreas culturais, tais como a Arte, a Ilustração, a Literatura e a Música.

Igualmente, diz respeito ao meu método de trabalho, indicando a lista de projetos dos quais fiz parte, nomeadamente a coleção “Médicos Escritores”, “Morna – Música Rainha de Nôs Terra” e o livro *Doce Pecado – Os 140 Doces Maravilha de Portugal*. Refiro também as funções desempenhadas, tais como, edição e revisão de textos semanais a sair no jornal *Público*, a compra das primeiras edições dos livros contemplados nas coleções, o pedido de digitalizações e ISBNs, a organização de encomendas, tradução de textos, trabalho de pesquisa, entre outras, e a minha experiência pessoal.

Já o segundo capítulo pretende explicitar o trabalho prático desenvolvido ao longo do estágio, dando especial atenção a três tarefas realizadas. Em primeiro lugar, irei desenvolver o meu trabalho de revisão e de edição e todas as situações novas que encontrei: cortes, ortografia e variantes linguísticas, autores que não deixaram que o seu texto fosse cortado e uma edição mais “manual” de um texto. Em segundo lugar, irei focar-me na tradução de textos, explicitando o Princípio da Língua Materna e vários problemas que encontrei ao traduzir, como palavras em crioulo cabo-verdiano, nomes de músicas e uma secção repetida. Em terceiro lugar, irei descrever ambas as apresentações de que fiz parte, dizendo em que medida é que estas poderiam melhorar.

Por fim, o terceiro capítulo contém as reflexões finais, onde irei refletir sobre o mestrado, o estágio, o que poderia ter feito melhor e as dificuldades sentidas no decorrer do mesmo.

1. A Bela e o Monstro

A Bela e o Monstro Edições é constituída por Maria João Ribeiro e João Pinto de Sousa. Conheceram-se no ano 2000 a propósito de um projeto que envolvia o azulejo português, “Os Azulejos, o Fado e a Guitarra Portuguesa”. Desde então, a editora assumiu diferentes marcas: Corda Seca, Tugaland, e, desde 2007, A Bela e o Monstro.

Juntos, têm-se dedicado à divulgação da Cultura, essencialmente a portuguesa, em larga escala. Contam com uma distribuição alargada, principalmente, através da rede de quiosques em parcerias com vários jornais (*Público, DN, Expresso das Ilhas*), assim como com as lojas FNAC.

Segundo Maria João Ribeiro, continuam à procura de novos caminhos, novos temas, novos meios que os deslumbrem, continuando a divulgar e expandir aquilo que consideram essencial na Cultura, como sendo a maior conquista da Humanidade. Creem que a cultura é universal, que somos todos nós e que é de todos, para todos e deve chegar a todos. Como portugueses, acreditam na nossa tradição sempre renovada e inovada, mantendo as raízes que são a sua marca e o nosso melhor património.



Imagem 1: Logótipo d'A Bela e o Monstro

1.1. Catálogo

Os seus temas de eleição têm sido a música, com enfoque especial no Fado, onde realizaram os trabalhos mais importantes nesta área das últimas décadas: “O Fado do Público”, “Amália Nossa”, “Fado Malhoa”, “Fado de A a Z” (compilações musicais e textos fundamentais para a compreensão do tema) e “Para Uma História do Fado” de Rui Vieira Nery.

Igualmente, exploraram outras áreas musicais como a música Clássica, o Jazz, o Pop Rock e a música Étnica, com projetos como “Mozart – 250 Anos”, “50 Anos da Fundação Calouste Gulbenkian”, “O Jazz do Público”, “BD Jazz”, “BD Pop Rock”, “Cantes” e, mais recentemente, “Morna – Música Rainha de Nôs Terra”.

Para além da música, têm projetos sobre Arte a convite dos mais conceituados artistas portugueses para a criação de obras específicas; sobre Fotografia e Ilustração, onde foram um dos principais responsáveis pela divulgação e consagração que a ilustração portuguesa goza neste momento; sobre a Cultura Popular, onde editaram vários projetos englobados no tema Maravilhas: “7 Maravilhas do Mundo”, “7 Maravilhas de Portugal”, “7 Maravilhas de Origem Portuguesa no Mundo”, “7 Maravilhas da Gastronomia Portuguesa” e “7 Maravilhas dos Doces de Portugal”; e, claro, sobre Literatura, com destaque para a edição de obras Fac-Similadas de primeiras edições de obras relevantes e raras da literatura portuguesa. Nesta área realizaram projetos como: “800 Anos da Literatura Portuguesa”, “Livros Proibidos”, “Médicos Escritores”, entre outros.

1.2. Parcerias

1.2.1. O jornal *Público*

A Público Comunicação Social S. A., que publica o jornal *Público*, pertence ao grupo empresarial português Sonae e foi fundada no dia 31 de Outubro de 1989. Este é um jornal diário de grande informação, focando-se essencialmente em artigos sobre economia, tecnologia e media, sendo “orientado por critérios de rigor e criatividade editorial, sem qualquer dependência de ordem ideológica, política e económica”, segundo o estatuto editorial presente no seu website. No entanto, podemos encontrar vários outros artigos sobre cultura, política, ambiente, desporto, sociedade, justiça, entre outros.

O *Público* edita três suplementos ao longo da semana: *Ípsilon* (focada em música, cinema, teatro, dança, literatura, design, etc.), *Inimigo Público* (publicação satírica), *Fugas* (focada em viagens, gastronomia, hotéis, etc.), tendo também alguns sites temáticos como *Cinecartaz*, *Guia do Lazer*, *Culto* e *P3*.

Ao longo dos seus 30 anos de existência, o *Público* editou várias coleções, suplementos especiais, livros, enciclopédias, CDs e DVDs, muitos desses em colaboração com a editora A Bela e o Monstro.

1.2.2. *O Expresso das Ilhas*

O *Expresso das Ilhas* é um dos jornais semanais publicados em Cabo Verde, fundado em 1991. Tem a sua sede em Praia, na Ilha de Santiago. O jornal é publicado principalmente em português, possuindo uma publicação na Internet que complementa a publicação em papel.

Surgiu no final do segundo mandato do partido da oposição (MpD) e visava lutar por um jornalismo plural, de forma a acabar com a monopolização do sector da comunicação social em Cabo Verde, tendo uma componente política muito forte.

O *Expresso das Ilhas*, segundo o estatuto editorial presente no seu website, “fornece aos leitores (...) elementos que permitirão um melhor conhecimento e compreensão do mundo, com vista à criação de uma sociedade cada vez mais aberta.”

1.3. **Método de Trabalho**

Desde a primeira entrevista que me apercebi que esta editora não era uma editora comum, ou pelo menos, aquilo que eu idealizava que fosse uma editora comum: uma editora tradicional que se foca unicamente em literatura. Não tinha nem horário de trabalho fixo, nem um escritório para o qual me pudesse deslocar e trabalhar. O meu escritório era o meu quarto, a minha sala e, muito raramente, um café. Uma vez que a instituição é composta apenas por dois elementos, João Pinto de Sousa e Maria João Ribeiro, como já referi anteriormente, cada um trabalhava na sua própria casa e comunicávamos por *e-mail*, chamada telefónica e algumas reuniões presenciais com o meu orientador do local de estágio (João Pinto de Sousa).

A relação entre mim e os membros da editora, assim como com os membros do jornal *Público* com os quais contactei, foi sempre em tom informal, com uma familiaridade de quem já trabalha há muitos anos juntos e isso ajudou-me bastante, pois fez-me sentir mais relaxada, menos pressionada e mais à vontade para poder fazer perguntas, esclarecer dúvidas e dar opiniões. Como tal, o meu ambiente de trabalho era bastante descontraído, contudo sempre profissional.

Dependendo do tipo de tarefa, o meu dia de trabalho poderia começar às 10h da manhã e acabar às 17h, como poderia começar às 15h e acabar às 23h. Havia dias com mais trabalho e outros com menos, outros que estava agarrada ao telefone e outros ao computador e aos papéis. Como tanto a editora, como os projetos nos quais participei eram em colaboração com o jornal

Público, os prazos eram diferentes, sendo mais apertados, uma vez que o jornal trabalha em tempo diário, sendo necessário por vezes coisas de um dia para o outro ou de uma hora para a outra ou havendo erros que precisavam de ser corrigidos à última da hora. Foi o caso de dois textos que apareceram trocados numa das folhas e eu, tendo reparado, informei logo o jornal para que pudessem trocar a tempo.

Isso ajudou-me a trabalhar melhor sob pressão. Identicamente, permitiu-me a aprendizagem da gestão de tempo, pois tinha de conciliar o meu estágio com a minha vida pessoal e com as explicações de inglês que dou.

Contudo, nos dias em que tinha mais trabalho estabelecia uma rotina e prioridades: primeiro, respondia aos emails que tinham chegado; se tinha algumas chamadas telefónicas, tentava sempre fazê-las da parte da manhã ou então logo a seguir ao almoço; de seguida, as minhas tardes eram ocupadas com as tarefas mais demoradas. Uma vez que os textos normalmente chegavam na parte da tarde, lia e revia-os várias vezes, enviando-os por *e-mail* para o jornal. Havendo necessidade de fazer algum trabalho de pesquisa ou de organização/faturação era também de tarde que essas tarefas eram feitas. Se por acaso um texto chegasse mais atrasado ou houvesse alguma coisa urgente a ser feita para uma apresentação, por exemplo, trabalhava durante o período da noite.

1.4. Lista de Projetos

Fiz parte de quatro projetos. O primeiro intitulado “Médicos Escritores” é uma colaboração da editora com a Ordem dos Médicos e com o jornal *Público* e dá a conhecer as obras de vários médicos que também se consagraram na área das letras. Numa primeira fase, foram lançadas 14 edições fac-similadas, mas como a coleção estava a ter sucesso, o jornal *Público*, a Ordem dos Médicos e a editora decidiram editar mais 3 livros, perfazendo o total de 17 edições fac-similadas de livros de médicos como Bernardo Santareno, Júlio Dinis, Júlio Dantas, Graça Pina de Morais, entre outros. (Lista completa de autores e títulos no Anexo A). A acompanhar cada livro, saíam semanalmente no jornal *Público* dois textos: um de escritores, professores, investigadores ou estudiosos sobre cada obra (Anexo B), dando a sua opinião de um ponto de vista mais literário de modo a aliciarem e a motivarem quem lê o jornal a comprar o livro, ao encargo da editora A Bela e o Monstro; e, outro texto, ao cuidado da Ordem dos Médicos, sob um ponto de vista mais técnico e médico.

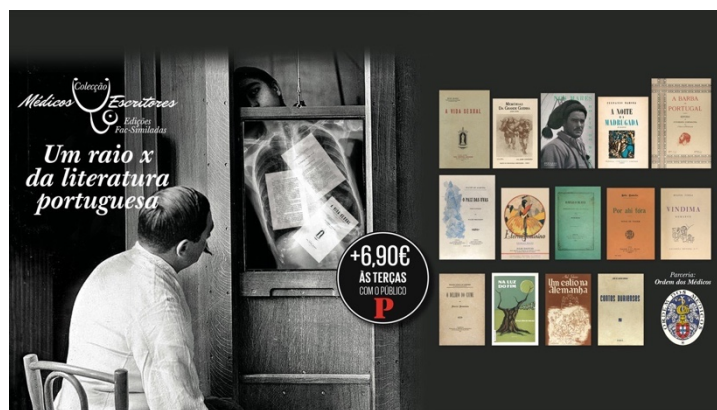


Imagem 2: Imagem promocional da coleção "Médicos Escritores"

O segundo projeto intitula-se “Morna – Música Rainha de Nôs Terra”, que consiste numa parceria com o jornal *Expresso das Ilhas* de Cabo Verde e o jornal *Público* e aconteceu devido à celebração da elevação da Morna, estilo de música e de dança tradicional de Cabo Verde, a Património Cultural Imaterial da Humanidade pela UNESCO. Este projeto conta com um conjunto de cinco livros da autoria do Antropólogo e Professor Universitário Manuel Brito-Semedo e cinco CDs (Lista completa no Anexo C), e trata o percurso histórico da Morna, seguindo uma linha cronológica até à atualidade. À semelhança da coleção dos “Médicos Escritores”, também saíam semanalmente no jornal *Público* textos de personalidades do mundo da música sobre a Morna (ver Anexo D para a lista completa), com o objetivo de dar a conhecer este estilo de música ao público em geral. Estas duas coleções foram acompanhadas por mim na totalidade.



Imagem 3: Imagem promocional da coleção "Morna – Música Rainha de Nôs Terra"

Já o terceiro projeto diz respeito ao livro *Doce Pecado – Os 140 Doces Maravilha de Portugal*, um livro que reúne os 140 doces finalistas e todos os doceiros que os confeccionaram, distribuídos por 20 regiões e 7 categorias do programa 7 Maravilhas Doces de Portugal, apresentado por Catarina Furtado e José Carlos Malato. Neste projeto tive um papel mais organizacional que irei aprofundar com mais detalhe de seguida.

Finalmente, o quarto projeto refere-se a uma nova coleção ainda não lançada. Esta encontra-se na sua fase de planeamento e investigação no que toca à seleção das obras a serem contempladas e, numa primeira instância, pretende dar a conhecer as obras das mulheres escritoras que foram censuradas pela PIDE (Polícia Internacional e de Defesa do Estado) durante o período do Estado Novo, juntando à obra o seu respetivo relatório de censura.

1.5. Lista de Funções

As minhas funções variavam consoante o projeto que estava a trabalhar no momento. Por conseguinte, na coleção “Médicos Escritores” fui responsável por convidar as personalidades escolhidas pelo editor João Pinto de Sousa para escreverem um texto sobre as obras contempladas nessa coleção e por supervisionar a sua entrega. Tinha de controlar o cumprimento dos prazos, se o texto chegava pronto, isto é, editado e revisto, a tempo ao jornal e se possuíam uma foto e assinatura do autor do texto para acompanhar o mesmo. Por exemplo, se o livro saísse no jornal no dia 24 de Setembro, o texto sairia uma semana antes, ou seja, no dia 17 de Setembro. Logo, este teria de chegar às minhas mãos o mais tardar no dia 13 de Setembro para ter tempo de o editar, rever e de o enviar a Alexandrina Carvalho, a interlocutora entre mim e o Jornal *Público*, para esta enviar aos revisores, que verificavam a minha revisão, e, seguidamente, aos paginadores para poderem colocar e organizar o texto na página. Para isto, era necessário que este tivesse um certo número de caracteres, pois, como a página ainda continha o texto da Ordem dos Médicos, era necessário dividi-la em dois. Outra das minhas tarefas era “cortar” o texto para os caracteres necessários, fazendo com que o mesmo mantivesse a sua coerência e a sua coesão. Também era necessário que todos os prazos fossem cumpridos de forma a garantir que o espaço do jornal fosse preenchido. O mesmo acontecia com a coleção “Morna – Música Rainha de Nôs Terra”.

Outra das minhas funções referentes ao projeto “Médicos Escritores” e também do projeto em fase de desenvolvimento sobre as mulheres censuradas pela PIDE foi comprar as primeiras edições dos livros contemplados nas duas coleções em alfarrabistas e na *internet*,

para se poder fazer as edições fac-similadas (Lista dos livros comprados no Anexo E). No entanto, quando as obras eram ou muito caras ou não existiam no mercado, era necessário pedir digitalizações das mesmas à Biblioteca Nacional.

Quanto à coleção da “Morna – Música Rainha de Nôs Terra” fui responsável também por editar e rever os textos que saíam semanalmente no jornal *Público*, à semelhança do que acontecia na coleção “Médicos Escritores”; por pedir os ISBNs junto da APEL para os livros da coleção e, a pedido da Embaixada de Cabo Verde, traduzir de português para inglês cerca de 19 textos sobre a Morna. Igualmente, era necessário adquirir os direitos de autor do compositor e do produtor das músicas para se poderem editar os CDs. Para isso, foi necessário falar com José Orlando dos Sons de África, para nos ajudar nesse sentido. Era também necessário contactar a Sociedade Portuguesa de Autores que cobra os direitos de autor.

A respeito do projeto do livro *Doce Pecado – Os 140 Doces Maravilha de Portugal*, o meu papel foi simplesmente organizacional, isto é, tinha a função de organizar as encomendas deste livro, nomeadamente as feitas pelas várias Câmaras Municipais do país, fazendo a verificação dos pagamentos, a entrega dos livros e a sua faturação, aprendendo a utilizar a plataforma de faturação “B-Online”, ficando a conhecer então como é que se procede uma encomenda de uma Câmara Municipal. Em primeiro lugar, a Câmara Municipal efetua uma requisição externa para a aquisição do livro; em seguida, emite-se uma fatura e envia-se à respetiva Câmara Municipal e, então, só depois de os livros terem sido entregues e a fatura emitida, o produto encomendado é pago.

Finalmente, para a coleção das mulheres censuradas pela PIDE, como esta ainda se encontra em fase de investigação, apenas fiz a recolha de algumas informações bibliográficas sobre algumas autoras que possivelmente irão constar na coleção como Natália Correia, Maria Archer, Maria da Glória, Carmen de Figueiredo, entre outras. Falei também com Paulo Cardoso da Sociedade Portuguesa de Autores de forma a tentar saber se as autoras mencionadas acima eram representadas por esta sociedade.

Igualmente, adquiri primeiras edições dos livros destas escritoras, bem como pesquisei nos arquivos da Torre do Tombo e no site *Ephemera*, biblioteca e arquivo de José Pacheco Pereira, os respetivos relatórios de censura, contando com a ajuda de Ana Bárbara Pedrosa, que realizou a sua tese de doutoramento sobre este tópico e escreveu um artigo no site *esquerda.net*, artigo esse usado como base para este projeto.

1.6. Experiência Pessoal

Ao princípio tudo é novo: o ritmo de trabalho, as tarefas realizadas, as pessoas com quem falamos, a responsabilidade que nos é colocada, mas, principalmente, o facto de neste momento estarmos a realizar trabalho, não para nós, mas sim para uma empresa. Contrário é o que acontece toda a nossa vida na escola. Na escola, se queremos ter boas notas, temos de trabalhar; essa responsabilidade não caí em ninguém a não ser em nós próprios. Se não estudamos, somos nós que arcamos com as consequências: chumbamos o ano, repetimos uma cadeira, não entramos no curso/mestrado que queremos, etc. Agora, quando se trabalha para uma empresa, não estamos a pensar no indivíduo, mas sim no coletivo. Todo o trabalho realizado é para ajudar uma empresa a crescer, a manter as portas abertas e a continuar a produzir produtos de boa qualidade para os clientes. Assim, a responsabilidade e a pressão que recaí sobre nós próprios é maior. E foi isso que eu senti durante o estágio; não tanto pressionada, mas sim com a sensação de que tinha muita responsabilidade nas costas, especialmente pelo facto de a empresa ser pequena, então a carga de trabalho era maior.

Não obstante a esta responsabilidade e terminado o estágio, fiquei com a certeza de que aprendi muito, sentindo também que essa aprendizagem, a maior parte das vezes, aconteceu à medida que as tarefas me eram apresentadas, vendo tudo como um desafio que tinha de ultrapassar. Tive muitas vezes a sensação, durante o estágio, de me sentir pouco orientada, mas depressa percebi que afinal estava a ser orientada de uma forma diferente: não me era explicado como se realizava uma tarefa antes de a fazer, mas sim ia aprendendo com os erros e com a experiência que fui adquirindo ao longo dos quatro meses em que estagiei.

Irei trazer para o meu futuro profissional ferramentas que considero muito úteis como: a gestão de tempo; a organização de várias tarefas e projetos; a realização de chamadas telefónicas, atividade com o qual sentia algumas dificuldades, devido à falta de vontade, conseguindo, de momento, executar essa tarefa de forma mais natural e a capacidade de falar com todo o tipo de pessoas, desde a pessoa mais simpática à mais antipática.

Deu-se uma situação um pouco desagradável: contactei um senhor a propósito de uma capa e de duas páginas do livro de Júlio Dinis que estavam danificadas na 1ª edição que possuíamos, pedindo-lhe se nos podia ceder a sua cópia para podermos digitalizar as partes danificadas, tendo me sido informado que o senhor já tinha concordado em nos ajudar. Fiquei surpreendida, pois quando fui confirmar se o senhor conseguiria mesmo realizar essa tarefa,

ele foi mal-educado e rude, sem razão aparente, tendo-me desligado o telefone na cara e enviado passado uns dias do combinado as digitalizações pedidas. Contudo, todas as pessoas, salvo o indivíduo mencionado anteriormente, com o qual contactei foram muito simpáticas e prestáveis, não tendo razão de queixa.

2. Trabalho Prático

2.1. Edição e Revisão de Textos para o Jornal

2.1.1. Cortes

Uma das primeiras tarefas que realizei durante o meu estágio foi a edição de textos para o jornal *Público*, de forma a acompanhar as coleções “Médicos Escritores” e “Morna – Música Rainha de Nós Terra”. Estes textos saíam uma vez por semana, às terças-feiras (no caso da coleção “Médicos Escritores”) e às quintas-feiras (no caso da coleção “Morna – Música Rainha de Nós Terra”).

Uma vez que o jornal tem um espaço limitado em cada página, sendo que no caso dos textos referentes à coleção “Médicos Escritores” eram dois textos na página, um a cargo da Ordem dos Médicos e outro a cargo d’A Bela e o Monstro, era necessário que estes cumprissem requisitos no que toca à sua dimensão. Cada texto teria de ter um máximo de 2800 caracteres com espaços, no entanto, se por acaso um dos textos tivesse menos caracteres que o esperado, o outro poderia ir até aos 3200.

Muitas vezes, e apesar dos alertas e dos pedidos feitos aos autores dos textos para que estes cumprissem com as dimensões pedidas, estes chegavam às minhas mãos com caracteres a mais, o que tornava difícil a sua inserção na página. É certo que, quando um escritor está a redigir o seu texto, não está preocupado com a sua dimensão, mas sim com a qualidade da sua escrita e com a informação que coloca no mesmo. Por isso, o meu trabalho era reduzir o texto para o número de caracteres adequado, certificando-me de que este manteria a sua coesão, clareza, e que, principalmente, se encontrasse livre de redundâncias e repetições, ficando apenas a informação mais importante. Da mesma forma, revia o texto, para que este estivesse limpo de qualquer tipo de erro gramatical, gralha, incongruência e pronto a publicar. Segundo Telmo Moia, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa,

podemos considerar que a coerência se estabelece num plano conceptual, envolvendo a possibilidade de encontrar um sentido e uma lógica nos enunciados, e a coesão se estabelece num plano mais estrutural/gramatical, envolvendo o estabelecimento de ligações entre diversos elementos e subpartes do texto. (2014: 276)

Assim, para o texto ser compreensível para o leitor, é necessário que este cumpra estes requisitos. Mais à frente, continua: “Porém, importa ter em conta que, após processos de revisão

e/ou “corte-e-colagem”, pode suceder que o resultado contenha secções totalmente incoerentes, o que evidencia a importância de uma edição atenta” (2014: 276). Por isso, é ainda mais importante, na fase de corte, que se tenha em conta estas valências, para que as cadências referenciais e as conexões interfrásicas se mantenham.

Quanto às dificuldades neste processo de “corte e costura” e na edição, não foram muito sentidas, uma vez que os convidados para escreverem os textos de opinião eram pessoas com um grande domínio da língua portuguesa, muitos deles professores universitários e catedráticos e, por isso, não cometiam grandes erros linguísticos. A maior dificuldade foi tentar que os textos mantivessem a coerência e a coesão mencionadas acima. Outras questões interessantes passam, principalmente, pelas variantes linguísticas, pelo acordo ortográfico, por autores que não gostam que se mexa no seu texto e, por esta razão, não permitiram que se efetuassem os cortes e, finalmente, por um caso especial em que o processo de edição foi feito em papel e via chamada telefónica.

O primeiro texto que tive de editar revelou-se o mais difícil. Este dizia respeito ao livro *A Vida Sexual* de Egas Moniz. Este texto tinha cerca de 10,000 caracteres (Anexo F-1) e era necessário que este ficasse com pelo menos $\frac{1}{4}$ da informação (Anexo F-2).

Apesar deste texto de António Santinho Martins ser muito rico e interessante, quer do ponto de vista histórico, quer em referências e citações, o objetivo do texto pedido era dar a conhecer a opinião de um especialista de um ponto de vista mais literário e não tanto explicativo. Deste modo, a minha primeira linha de ataque foi eliminar quaisquer datas não relevantes, citações muito longas e informações bibliográficas sobre o autor.

Cortei várias partes que não me pareciam relevantes para o tipo de texto pedido: cortei partes que enumeravam várias figuras que Egas Moniz mencionou, desde figuras sobre o qual ele escreveu algumas monografias até às suas inspirações para os seus estudos, como por exemplo algumas passagens contidas no 2º, 9º e 10º parágrafo do texto incluído no anexo F-1.

Por exemplo, António Santinho Martins escreve sobre os objetivos de Egas Moniz ao escrever *A Vida Sexual*. Para isso, usa citações da segunda edição do mesmo (8º parágrafo):

Quais foram os objectivos de Egas Moniz com a feitura deste livro? Di-lo no Prólogo da segunda edição de *A Vida Sexual II (Patologia)*, em 1906: “Primeiro, satisfazer as exigências para o seu doutoramento e para a admissão ao professorado, segundo, que os colegas e pessoas cultas compreendessem que (...) a exposição das misérias sexuais só pode incitar à compaixão

e diminuir a repulsa para actos que se denominam de devassos, quando não passam de fenómenos patológicos”. E diz mais, “Os pseudo-moralistas de velhos tempos vieram mais uma vez anatematizar a minha obra com o epíteto de imoral, como se a moral fosse sinónimo de ignorância”.

Decidi manter a primeira citação, pois acho que resume bem os objetivos de Egas Moniz ao escrever este livro. A segunda citação apenas acrescenta informação e juízos de valor à primeira parte da citação, quando Egas menciona os seus “colegas e pessoas cultas”, facto que não considero relevante para o texto.

Mais à frente, António Santinho Martins menciona que *A Vida Sexual* (3º edição), originalmente compilada em dois volumes, passa a ser só um volume, enumerando de seguida todas as outras edições, acrescentando quais são aquelas que possui na sua biblioteca pessoal (6º parágrafo). Eliminei este parágrafo pois, mais uma vez, não considero que seja relevante e não iria acrescentar nada à compreensão do texto, não influenciando ou melhorando a visão que o leitor teria sobre o mesmo. Enquanto leitora, ao ler textos de opinião, quero que estes sejam simples, com alguma, mas não demasiada informação, e que esta seja relevante para me ajudar a perceber se quero ou não ler e/ou comprar o livro.

O mesmo se passa no texto de Emílio Ricon Peres sobre as *Memórias da Grande Guerra* de Jaime Cortesão (Anexo G). Peres coloca várias citações no seu texto, quer de poemas, quer de livros, que eliminei. Por exemplo:

Cortesão havia ainda publicado um poema, *Cântico Lusíada*, numa edição especial de *A Águia*, que juntava os n.ºs 52 a 54 daquela revista (abril, maio e junho de 1916) sobre Portugal e a Guerra (páginas. 127/130):

“Torna a soltar as azas sobre o Atlântico,
Ressuscita no génio de Camões,
Paira por sobre o Mundo, sê um cântico!
Abril de 1916.”

Ou,

Por fim, em 1921, na Homenagem aos Soldados Desconhecidos, termina lapidar:

“Se alguém julga que o enterra,

Esse é que leva a mortalha:

Quem morreu em boa guerra

Fica sempre na Batalha”

Apenas decidi manter aquelas que se referiam a *Memórias da Grande Guerra*.

Em outros textos, as mudanças não foram assim tão grandes, pois não ultrapassaram muito o limite imposto. Por exemplo, no texto a respeito da obra *Eterno Feminino* de Júlio Dantas, escrito por Artur Anselmo (Anexo H), apenas tive de retirar algumas menções a títulos que exploravam o universo feminino, de forma à lista não ficar tão exaustiva. O texto original enumerava:

Na vasta galeria de personagens femininas que passam pelas páginas de livros como *Figuras de Ontem e de Hoje* (1914), *Ao ouvido de Madame X* (1915), *Mulheres* (1916), *Eles e Elas* (1918), *Como Elas Amam* (1920), *Abelhas doiradas* (1920), *Arte de Amar* (1922), *Eva* (1925), *Eterno Feminino* (1929), *Contos* (1930) ou *As Inimigas do Homem* (1933), há lugar para todas as mulheres, seja qual for a imagem que delas se guarde.

Acabei só por manter *Mulheres* (1916), *Eles e Elas* (1918), *Como Elas Amam* (1920), *Eva* (1925), *Eterno Feminino* (1929) e *As inimigas do homem* (1933), tendo acrescentado as palavras “entre outros” a seguir a fazer a listagem das obras, como uma forma de indicar que existem outros elementos que pertencem a essa lista, mas que não foram mencionados.

Nos restantes textos, como se aproximavam do limite de palavras imposto, não foi necessário fazer grandes cortes. Apenas eliminei citações que nada acrescentavam à compreensão do texto e, como mencionei anteriormente, informações bibliográficas exaustivas sobre o autor. Depois, procedi à revisão, sendo que a maior parte dos textos se encontravam limpos de erros, tendo corrigido apenas algumas gralhas e falhas de pontuação.

2.1.2. Ortografia e Variantes Linguísticas

Outra das questões que se revelou interessante foi o facto de dois dos convidados escreverem em português do Brasil e um destes ter o português como segunda língua. Esta variante linguística tem ortografia e expressões próprias. Os textos destes dois convidados não foram alterados para português de Portugal uma vez que o jornal *Público* respeita a opção ortográfica e variante linguística dos autores (como referido no canto superior direito da página onde os textos se encontram).

A título de exemplo, no texto referente ao livro *País das Uvas* de Fialho de Almeida (Anexo I), Luca Fazzini, natural de Itália, escreve o seguinte: “(...) não existe, no médico-autor, possibilidade de enxergar beleza para além do corpo “saudável” e da vida considerada como “digna”.” Ora, na variante portuguesa, atualmente a palavra “enxergar” não é tão comum, sendo utilizada normalmente a palavra “ver”. Podemos também sentir um esforço redobrado por parte do autor, aplicando a variante portuguesa ao texto, ao invés da brasileira, ao utilizar a palavra “quotidiano” em vez da variante brasileira “cotidiano”. Contudo, e uma vez que o jornal *Público* mantém a ortografia e a variante linguística de cada autor, seria esperado que, ao menos, houvesse uma coerência ao longo do texto, tendo-se de se substituir a palavra “enxergar” por “ver” ou “quotidiano” por “cotidiano”, coisa que não foi feita.

A outra convidada natural do Brasil, Maria Aparecida Ribeiro, professora de Literatura Brasileira na Faculdade de Letras de Coimbra, colocou uma questão interessante aquando da publicação e revisão do seu texto. Embora todos os textos, quando revistos e cortados, tenham sido enviados ao autor para a sua aprovação, no caso do texto da professora Maria Aparecida Ribeiro, devido à sua entrega tardia, tal não foi possível.

Assim, quando a professora enviou um *e-mail* para o jornal *Público* com o meu conhecimento, fiquei surpreendida. Numa parte do texto, a autora escreve o seguinte: “Esse conjunto também se revela quando da leitura dos textos dramáticos do escritor.” No *e-mail*, a autora diz: “(...) tive uma surpresa aborrecida: corrigiram-me o texto. Colocaram um “aquando”, no lugar de “quando”. (...) Não há brasileiro que diga ou escreva “aquando”, o que nos colocou numa situação complicada.

O *Dicionário da Língua Portuguesa* da Porto Editora regista “aquando” como conjunção e como advérbio com o valor de “quando”. Também regista a locução “aquando de” com o sentido de “por ocasião de”, “na altura de”. O *Dicionário Houaiss* da Língua Portuguesa fornece uma informação com interesse. Regista “aquando” como “uso de emprego vivo em Portugal”. Daqui se deduz que não é um uso vivo no Brasil. Assim, quando revi o texto, decidi manter a forma “quando”, sendo que quando o jornal *Público* fez uma nova revisão, substituiu por “aquando”.

A isto, Alexandrina Carvalho do jornal *Público* respondeu:

Os revisores fazem normalmente correções aos textos sempre que se justifique. A palavra “aquando” existe e neste caso está bem empregue, porque estamos a falar de um

momento com ação simultânea. A frase é “...aquando da leitura dos textos...”, a professora tinha escrito “Esse conjunto também se revela quando da leitura dos textos dramáticos”. Aqui a correção é justificada, pois “aquando” neste caso é sinónimo de “durante”.

Neste caso, acho que a professora acaba por ter razão, pois se se respeita a opção ortográfica e variante linguística dos autores, deveria ter ficado “quando” em vez de “aquando”. Todavia, a correção feita pelo jornal continua a ser correta, dado que apenas transformaram a palavra por outra mais usada em Portugal e que poderia ser vista como erro pelos leitores portugueses que não conhecessem a variante brasileira.

2.1.3. Política do “Não-Corte”

Outra das situações com que me deparei foi o facto de José Manuel Mendes não permitir que se cortasse os seus textos (Anexo J). Este foi um dos autores convidados, tendo escrito dois textos de opinião, um sobre *A Noite e a Madrugada* de Fernando Namora e outro sobre *Na Luz do Fim* de Graça Pina de Morais. Ao enviar os mesmos para o meu *e-mail*, avisei-o de que estes teriam de ser cortados pois ultrapassavam os caracteres pedidos. Enviou-me então segundas versões dos textos com alguns caracteres a menos, contudo a sua dimensão ainda era maior do que seria esperado. Nesse email disse o seguinte:

Foi-me impossível encurtá-lo mais. Ficou menos de um terço da versão espontânea, muito empobrecido, mas ainda congruente. Qualquer adição de golpes cirúrgicos torná-lo-á inviável. Porquê? Há mínimos de enquadramento na biobibliografia de Fernando Namora (...) no assinalar das sequências essenciais do romance e na indicação das suas características estéticas. Anular esses mínimos e os dois sinais, quase ínfimos, da muitíssimo acalorada reacção da crítica é, de todo, não opção. Que fazer caso se não consiga um espaço no jornal? Não sei. Por mim, digo apenas: cheguei onde pude (...) e peço a vossa compreensão. Já não usarei mais uma tesoura digital que seria desfiguradora.

Aqui, tanto eu como o jornal *Público* nos vimos incapacitados de mexer nos textos. Por um lado, percebo o porquê de o autor não querer que se mexa no seu texto. Este faz parte da produção intelectual do autor e, por isso, acha que está completo, perfeito e que, por essa razão, não pode ser tocado, se não perderia toda a sua essência e informação. João Pinto de Sousa, editor principal deste projeto, insistiu com o jornal *Público* para que este não cortasse parte alguma dos textos, pois, para o João, os pedidos feitos pelos autores dos textos são sagrados, tendo chegado a um compromisso com o médico que ficou responsável por escrever

o texto para que este encurte o mesmo para dar espaço aos de José Manuel Mendes. Isto aconteceu com ambos os textos enviados por José Manuel Mendes.

No entanto, este autor podia ter tido o cuidado de pensar que haveria outro texto que seria incluído junto ao seu e por essa razão ter adequado a dimensão do mesmo. Claro que a maior parte dos convidados excedeu o limite imposto, contudo souberam respeitar esse limite e permitiram o seu corte, com a sua aprovação. Se não gostassem do corte feito ou se achassem que certa parte do texto cortado deveria ter ficado, eu dava duas opções: ou fazíamos o trabalho de corte em conjunto ou pedia ao próprio autor que fizesse o corte de acordo com as diretrizes dadas, como aconteceu com o texto de Luca Fazzini.

2.1.4. Edição Manual

Durante o meu estágio tive o privilégio de conhecer pessoas muito interessantes, mas uma que sinto que deve ter um destaque especial foi Vitorino Salomé. Músico português e artista multifacetado, com preocupações culturais, sociais e sobretudo, com uma grande abertura para o intercâmbio artístico, sendo amigo de Sérgio Godinho e dos falecidos Zeca Afonso e José Mário Branco. Colaborou com Zeca Afonso, Rui Veloso, João Gil e Jorge Palma, entre outros. Em 1990 surgiu o quarteto Lua Extravagante, com Filipa Pais e os seus irmãos Janita e Carlos Salomé e, em 2015, surgiu o projeto “Os Fabulosos Tais Quais”.

Quando o João Pinto de Sousa me disse que teria de falar com o Vitorino ao telefone sobre o texto dele para a coleção “Morna – Música Rainha de Nôs Terra”, fiquei muito surpreendida. Primeiro, porque era o Vitorino e este é uma figura muito importante para a música popular portuguesa e segundo, porque estava habituada a tratar de assuntos relativos a textos por *e-mail*. Fiquei a saber que Vitorino Salomé tinha enviado o seu texto em papel (Anexo K) e que teria de ser passado a computador, editado e revisto. Igualmente, Vitorino disse que gostaria de rever o texto comigo ao telefone, para ter a certeza de que ficava tudo como queria, que as maiúsculas ficavam no sítio certo, que o texto tivesse o número de caracteres necessários, etc. Teria então de ter uma abordagem diferente.

Enviei-lhe o texto para o seu *e-mail* e ao lê-lo comigo ao telefone reparou que lhe tinha corrigido um erro: escreveu “bracarence” em vez de “bracarense”. Agradeceu-me imenso e contou-me que até se sentia envergonhado de cometer um erro tão grande. Respondi-lhe que não tinha mal, que erros todos fazíamos e que era mesmo para isso que eu lá estava. De seguida, li novamente o texto em voz alta e ele verificou que estava tudo bem, apenas me

apontou umas palavras que não tinha colocado em maiúscula e que ele queria destacar (uma vez que Vitorino Salomé escreve em letra maiúscula, não tinha conseguido perceber todas as palavras que ele queria destacar).

Enviei-lhe novamente o texto para o seu *e-mail* já revisto, passado a limpo e devidamente pontuado e com as maiúsculas no sítio certo e, mais uma vez, lemos o texto em voz alta. Quando Vitorino Salomé ficou satisfeito com o resultado, pediu-me que o enviasse para o jornal *Público* e agradeceu-me muito o tempo que tinha “perdido” ao fazer este processo com ele ao telefone, elogiando o meu trabalho e dedicação, sendo que estávamos a fazer isto já depois do horário normal de trabalho, por volta das 19h30m.

Achei-o muito simpático, prestável e humilde e é uma das experiências que vou guardar para sempre comigo e que me fez pensar o quanto eu gosto desta área e deste trabalho.

2.2. Tradução de Textos

A tarefa que, para além da edição e de revisão de textos para o jornal, me consumiu mais tempo foi a tradução de português para inglês de cerca de 19 textos para o projeto “Morna – Música Rainha de Nôs Terra”, a pedido da Embaixada de Cabo Verde, através da editora A Bela e o Monstro. Estes textos eram principalmente biografias dos músicos mais famosos de Cabo Verde que cantavam a Morna e, também, os textos que foram saindo no jornal *Público* a acompanhar a coleção “Morna – Música Rainha de Nôs Terra” mencionada anteriormente. Estes textos foram colocados nas paredes do Centro Cultural de Cabo Verde em Lisboa e em folhetos informativos que acompanhavam a exposição “Morna: Sons, Personagens e Sentimentos” e tinham como objetivo informar quem passasse por esta exposição dos músicos que são considerados os grandes mestres da Morna.

Ao princípio, pensei que não teria competência para realizar esta tarefa, apesar de dominar a língua inglesa completamente. Não tinha uma grande experiência em tradução, contudo nos meus tempos livres gostava de traduzir algumas passagens e traduzia alguns textos para amigos que não sabiam a língua inglesa ou precisavam de ajuda na faculdade em cadeiras que eram lecionadas principalmente em inglês. Havia também a questão de estar a traduzir do português para o inglês e não o contrário, facto que me deixou preocupada e receosa, após ter lido no site da Associação portuguesa de tradutores o seguinte: “O tradutor profissional deve dominar, pelo menos, duas línguas: a língua materna e uma língua

estrangeira, deve traduzir APENAS para a sua língua materna”. No entanto, tenho muita confiança nas competências adquiridas, tendo estudado inglês desde os quatro anos de idade e tendo dado explicações de inglês do ensino básico ao secundário por quase quatro anos, considerando o inglês quase como língua materna e não como língua estrangeira.

Uma vez que tinha de se contratar alguém fora da editora para traduzir os textos para espanhol e para francês, o que iria trazer custos acrescidos, João Pinto Sousa pediu-me se eu poderia fazer este trabalho, pois sabia que eu dominava o inglês, já tendo feito duas traduções do site da UNESCO na fase de pesquisa para o projeto da Morna. Expliquei-lhe a situação e ele disse-me que acreditava em mim e nas minhas capacidades.

2.2.1. Princípio da Língua Materna

De forma a tentar perceber se a qualidade das traduções de uma pessoa cuja língua alvo não é a sua língua nativa são superiores, e após uma conversa com o professor Rui Zink, quando lhe disse que tinha feito as traduções mesmo não tendo a língua inglesa como primeira língua, decidi investigar o “Mother-Tongue Principle” (Princípio da Língua Materna). Este princípio consiste num linguista que traduz para a sua língua nativa. Por exemplo, um indivíduo cuja língua nativa é o português, traduz um texto de inglês para português. Por sua vez, língua nativa corresponde à primeira língua que uma criança aprende e que geralmente corresponde ao grupo étnico-linguístico com que o indivíduo se identifica culturalmente. Mas será que este princípio significa que as traduções de quem tem o inglês como língua nativa serão melhores ou mais precisas?

Para isso, na 13^o edição da Conferência de Tradução Nacional dos Países Baixos em 2013, foi realizada uma experiência. Tony Parr, um dos responsáveis por esta experiência, refere no seu artigo *The Mother-Tongue Principle: Hit or Myth?* que quando começou a trabalhar em tradução muitos tradutores traduziam tanto para a sua língua nativa como para a sua segunda língua. Percebeu que devido à lei da procura, “there was much demand for translation into English and simply not enough native speakers to do it all ².”

A experiência consistia no seguinte: foi pedido a quatro tradutores, que traduzissem um texto para inglês. Aos restantes participantes, foi-lhes pedido que analisassem essas

² Havia muita procura de tradução para inglês e simplesmente não havia falantes nativos suficientes para o fazer.

traduções. Nunca foi dito aos profissionais qual era a língua materna dos autores das traduções. Ao observarmos a Tabela 1, podemos visualizar que duas das traduções foram feitas por indivíduos cuja língua nativa era o inglês e as restantes eram feitas por indivíduos cuja língua nativa era o holandês e os respetivos pontos atribuídos à tradução.

A	Língua nativa é o inglês	30 pontos
B	Língua nativa é o holandês	35 pontos
C	Língua nativa é o inglês	38 pontos
D	Língua nativa é o holandês	42 pontos

Tabela 1. Dados da experiência de tradução

Tony Parr, após examinar as avaliações feitas, constatou que a tradução que os profissionais consideraram a mais satisfatória pertencia a um falante de holandês como língua nativa e a segunda preferência correspondia a um indivíduo cuja língua nativa é o inglês.

Com esta experiência Tony Parr concluiu que, apesar de o ideal ser a tradução para a língua materna, traduzir para uma segunda língua não indica que a qualidade da tradução irá ser inferior. O importante, para um profissional, é estar familiarizado com a língua alvo, com o público-alvo e o tema do texto que está a traduzir. Todos estes fatores irão garantir a qualidade da tradução.

2.2.2. Tradução de Textos para a Coleção “Morna – Rainha de Nôs Terra”

Posto tudo isto, resolvi embarcar nesta tarefa. Os textos tinham um teor informativo, apresentando uma linguagem simples e concisa, de dimensão reduzida, de forma a que qualquer pessoa, independentemente da sua escolaridade, consiga compreender. Estes eram pequenas biografias sobre os vários mestres da Morna, tais como B.Leza, Cesária Évora, Bana, Eugénio Tavares, Manuel de Novas, Titina, entre outros e, de maior dimensão, os textos e um poema contemplados no jornal *Público* a acompanhar a saída dos livros e CDs.

Uma biografia é caracterizada por descrever a vida de uma pessoa, cuja informação dada é baseada em factos reais. Com a tradução destas pequenas biografias, não tive grande

dificuldade, uma vez que, como mencionei anteriormente, a linguagem era bastante simples, o que significava que a sua tradução também se iria revelar simples e, por conseguinte, o nível de inglês iria ser intermédio.

2.2.3. Palavras em crioulo, nomes de músicas, géneros musicais

Ao longo dos vários textos deparei-me com algumas palavras em crioulo cabo-verdiano, nomes de músicas, géneros e grupos musicais, etc. Escolhi não traduzir para inglês, da mesma forma como não se traduz estrangeirismos. Primeiro, porque efetivamente as músicas, por exemplo, são cantadas ou em crioulo cabo-verdiano ou em português e por essa razão não vejo a necessidade de as traduzir. Depois, porque língua é cultura e ao manter algumas expressões crioulas como *cretcheu* (querido) ou *morabeza* (bondade) no corpo do texto, por exemplo, no texto *Breves Notas Sobre a História da Morna* (Anexo L) de Moacyr Rodrigues: “(...) o amor que têm pela sua ilha e a angústia vivida ao abandonar a terra e deixar a mãe ou a sua *cretcheu* (...)”, demonstra uma ligação a Cabo Verde e à sua multiculturalidade e identidade nacional: “A língua caboverdiana é, deste modo, a nossa bandeira cultural e um dos elementos mais significativos do nosso cartão de identidade” (Veiga 2002: 7), bem como honra esta ilha.

Desta forma, decidi manter todas as expressões que se encontravam em crioulo. Assim, a tradução ficou: “(...) the love they have for their island and the anguish they experience when leaving the land and their mother or their *cretcheu* (...)”.

Também no poema *Diamante de 105.7 Quilates* da autoria de Vasco Martins (Anexo M) mantive a seguinte secção: “Morna / Morna / Lamenti / Lamenti”, bem como o nome das músicas, álbuns e grupos musicais dos vários artistas mencionados presentes ao longo dos textos, como por exemplo “Lua Nha Testemunha” (Cesária Évora), “Nha Fidjo Matcho”, “Nôs Morna” (Ildo Lobo), “Resposta de Segredo Cu Mar” (Eugénio Tavares), “Força di Cretcheu” (Celina Pereira), entre outros.

Quanto aos grupos musicais, não traduzi o nome d’*Os Tubarões*, cujo vocalista era o Ildo Lobo ou *Voz de Cabo Verde*, em que o vocalista era o Bana, por exemplo, e também não traduzi o nome dos géneros musicais, tais como, Coladeira, Funaná, Fado e Morna e de cavaquinho, um tipo de guitarra.

2.2.4. Secção Repetida

Ao traduzir o texto sobre Cesária Évora (Anexo N), deparei-me com uma secção repetida (secção em negrito):

Cresce no Mindelo, à beira do Lombo – bairro mal-afamado, terra de rufias e prostitutas. Ficava com o olhar embevecido, lábios embebidos nos poemas de B.Leza. Cruza a juventude a trautear a doce melodia de “Lua Nha Testemunha” e “Miss Perfumado”. **Cresce no Mindelo, à beira do Lombo – bairro mal-afamado, terra de rufias e prostitutas. Ficava com o olhar embevecido, lábios embebidos nos poemas de B.Leza. Cruza a juventude a trautear a doce melodia de “Lua Nha Testemunha” e “Miss Perfumado”** e mais tarde cantou-as nos bares da cidade.

Pude deduzir que o trabalho de edição não foi cuidado ou nem houve edição após a escrita do texto, pois sendo esta uma secção até bastante grande, é bastante perceptível até para ao leitor mais distraído.

Então, na tradução eliminei a parte repetida e ficou da seguinte forma:

She grows up in Mindelo in a bad neighborhood, in a land of thugs and prostitutes. Her gaze was dazzled, her lips soaked with the poems of B. Leza. She spends her youth singing the sweet melody of “Lua Nha Testemunha” and “Miss Perfumado” and later on sings them in bars of the city.

2.3. Apresentações/Lançamentos

Como acontece com a maior parte dos lançamentos nacionais, cada coleção/livro é acompanhada por uma apresentação da mesma, como forma de dar a conhecer os livros contemplados na coleção ao público geral. Como menciona Francisco Vale (2009:37) no seu livro *Autores, Editores e Leitores*: “Os lançamentos podem ser uma ocasião para o autor reunir os amigos. Mas só no caso de ser também jornalista, sobretudo da televisão, terá assegurada a presença dos media”.

Apesar de nas coleções das quais fiz parte nenhum dos autores ser jornalista ou da televisão, ajuda muito o facto de as colaborações acontecerem com um dos maiores jornais portugueses (jornal *Público*) e com um dos maiores jornais cabo-verdianos (*Expresso das*

Ilhas), o que permitiu uma exposição mediática muito maior do que se essa colaboração não tivesse acontecido. Nestas apresentações podíamos encontrar fotógrafos do jornal *Público* e fotógrafos e videógrafos da parte do *Expresso das Ilhas*.

Estas apresentações, especificamente as d'A Bela e o Monstro, contam sempre com a presença de alguém que represente a instituição que colaborou com a editora (no caso dos “Médicos Escritores” o jornal *Público* e no caso da “Morna – Música Rainha de Nôs Terra” o jornal *Expresso das Ilhas*, como já referi anteriormente), alguém da editora, nomeadamente o João Pinto de Sousa, editor principal dos projetos, o autor do texto e algum especialista de destaque. Também é sempre possível fazer a aquisição dos livros e CDs no dia e no local da apresentação.

Durante o meu estágio, fui convidada para a apresentação dos livros contemplados na coleção dos “Médicos Escritores” como para a da coleção de livros e CDs da coleção “Morna – Música Rainha de Nôs Terra”, sendo que ajudei um pouco a organizar esta última apresentação com as traduções que fiz das biografias dos vários músicos presentes na exposição e dos textos que saíram no *Público*, traduções essas que foram colocadas em panfletos informativos.

2.3.1. Coleção “Médicos Escritores”

A apresentação da coleção “Médicos Escritores” aconteceu no dia 16 de Setembro, às 18 horas, na biblioteca da Região Sul da Ordem dos Médicos e contava com a presença de João Pinto de Sousa, o Editor; de Miguel Guimarães, o Bastonário da Ordem dos Médicos; de Manuel Carvalho, o Diretor do jornal *Público*; de Germano de Sousa, Ex-Bastonário da Ordem dos Médicos e Luís Gomes, livreiro (Artes & Letras).

Para comparecer a esta apresentação era necessário ter um convite. Desta forma, esta destinava-se apenas para os media (jornal *Público*), para médicos da Ordem e convidados.

Antes da apresentação começar fui apresentada aos oradores convidados pelo João Pinto de Sousa, à sócia Maria João Ribeiro e a Alexandrina Carvalho, pessoa com o qual falava mais regularmente do jornal *Público*.

Nesta apresentação foram enumerados os 14 títulos que iriam fazer parte da mesma e cada convidado, nomeadamente Germano de Sousa e Miguel Guimarães, falou um pouco sobre

os médicos, a sua história de vida, contexto e como é que começaram o seu caminho no mundo da escrita. Igualmente, contaram histórias engraçadas relacionadas com os médicos escritores. Recordo duas histórias que colocaram a sala toda a rir: Luís Gomes estava na sua livraria, quando um dia um cliente lhe pergunta “Sabe da Vida Sexual do Egas Moniz?” ao que ele responde “Do Egas não, mas da minha sim.” A segunda história aconteceu numa exposição sobre Júlio Dantas no Congresso da Medicina dos Médicos Escritores. Um dos convidados foi falar com a mulher de Júlio Dantas e ela confessou-lhe que já estava farta do marido: “Esse homem é um chato!”.

Depois de a apresentação ter terminado, houve um momento de convívio, em que os convidados puderam trocar algumas palavras com os oradores, falar um pouco da coleção e adquirir as suas cópias ou encomendar a coleção completa, para que à medida que os livros fossem saindo, os recebessem em casa.

Resumidamente, esta apresentação teve como objetivo unir dois mundos: o mundo da Escrita e o mundo da Medicina, mostrando que é possível ser-se escritor e médico e que, apesar de no seu tempo muitos destes médicos-escretores não terem tido o destaque merecido, o seu trabalho ficou para a posterioridade e merece ser celebrado e editado, para ser dado a conhecer às gerações futuras.

Para mim, a apresentação na Ordem dos Médicos poderia ter sido mais dinâmica, sendo que apenas foi uma conversa entre os oradores convidados. A entrada ao ser limitada apenas para quem tem convite pode ser um ponto positivo e um ponto negativo: um ponto positivo, pois é transmitida uma sensação de exclusividade e requinte (uma vez que, depois da apresentação, seguiu-se um evento (um jantar) ainda mais exclusivo, de o qual não fiz parte); e um ponto negativo, pois não houve uma apresentação da coleção ao público geral e sim a um público restrito e especializado – facto que contrasta com o objetivo da coleção ser dar a conhecer estes médicos escritores a leitores e não a especialistas médicos – a não ser quando lançaram os três volumes extra. A abertura da apresentação ao público-geral seria benéfica, pois assim tornava possível observar a reação imediata do público à coleção.

Devido à popularidade desta coleção, a editora decidiu lançar três títulos extra, sendo que a apresentação desses mesmos títulos foi feita no Porto, no dia 19 de Dezembro na reabertura do Museu da Farmácia. Não tive o prazer de comparecer a esta apresentação, uma vez que não me foi oportuno deslocar ao Porto para tal. Contudo, creio que esta tenha sido mais

ativa, no sentido de juntar a apresentação da coleção à reabertura do Museu da Farmácia, tendo havido uma visita guiada às novas instalações.

3.1.1. Apresentação “Morna: Sons, Personagens e Sentimentos”

A coleção “Morna – Música Rainha de Nós Terra” está ligada à elevação da Morna a Património Cultural Imaterial da Humanidade pela UNESCO. Por isso, a apresentação coincidiu com as celebrações do novo estatuto deste estilo de dança e música cabo-verdiana. As comemorações duraram cerca de 3 semanas, sendo que a apresentação da coleção propriamente dita foi no dia 6 de Dezembro das 17h30 até às 20h30 no Centro Cultural de Cabo Verde em Lisboa.

Aqui foram dadas as boas-vindas pelo Conselheiro José Silva, Coordenador do Centro Cultural de Cabo Verde e por Eurico Correia Monteiro, Embaixador de Cabo Verde em Portugal; um recital de Mornas pelo “Grupo Tapoé”; a apresentação da coleção “Morna – Música Rainha de Nós Terra” pelo Jornal *Público e Expresso das Ilhas*; uma sessão musical com Leonel Almeida, Humberto Ramos, Armando Tito e Banda e, por fim, um *Pontche d’Honra* e degustação de algumas iguarias cabo-verdianas.

A apresentação contou com a presença de vários oradores convidados. À semelhança da coleção “Médicos Escritores”, João Pinto de Sousa esteve presente, bem como o redator-principal de Cultura e do *Ípsilon* do jornal *Público* Nuno Pacheco e Lígia Pinto, administradora do *Expresso das Ilhas*. Toda a gente que compareceu à apresentação pôde ficar emergida na cultura cabo-verdiana, desde a música, à comida, à pintura e à arte e foi bastante recompensador puder ficar a conhecer este estilo musical. A Morna é um estilo de música lindíssimo e foi uma honra puder fazer parte desta apresentação, tendo ganho um agradecimento especial por parte de João Pinto de Sousa pela minha colaboração nesta coleção.

Nos outros dias deu-se a inauguração da exposição de pintura “Morna” de António Firmino e Kiki Lima e da Exposição de Instrumentos Musicais e Workshop de Construção de Instrumentos com Aniceto Gomes; sessões musicais de Nancy Vieira, Cremilda Medina e Lura e Maria Alice, sempre acompanhadas pelo Humberto Ramos e a sua banda e uma palestra sobre a Morna pelo Dr. César Monteiro. Para além disto, no Centro Cultural de Cabo Verde estavam expostos artefactos importantes e icónicos de Cesária Évora, Eugénio Tavares, B.Leza, entre outros, cedidos pelas respetivas famílias, como por exemplo, o vestido usado por Cesária Évora aquando do seu concerto no Coliseu de Lisboa.

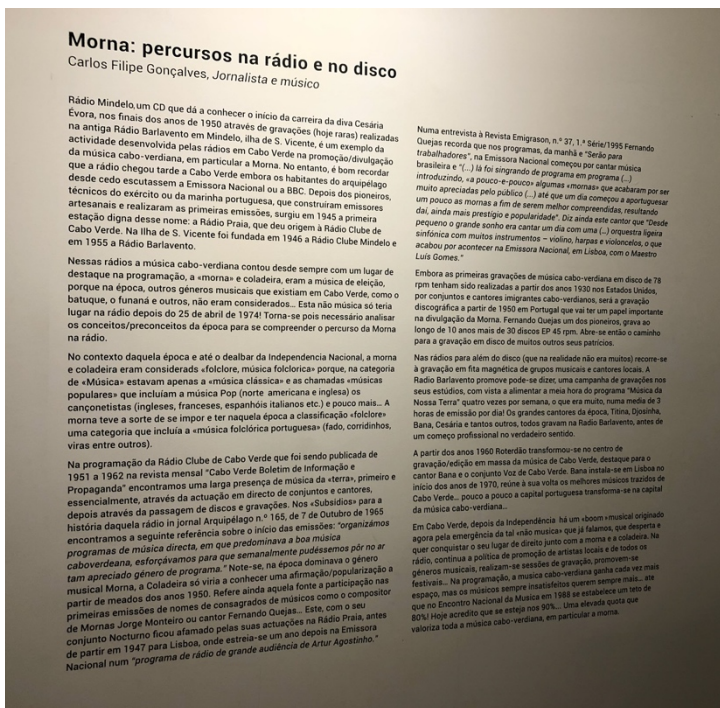


Imagem 4/5: Fotos da Exposição Morna: Sons, Personagens e Sentimentos

A minha participação na preparação desta apresentação passou pela tradução de textos e biografias dos vários músicos contemplados na mesma, de português para inglês, já mencionados no ponto anterior, para depois poderem ser colocados nas paredes e em folhetos informativos no Centro Cultural de Cabo Verde e na Embaixada de Cabo Verde, estando em constante contato com Ricardo Barbosa Vicente, arquiteto responsável pela organização da exposição.

A apresentação foi muito dinâmica e recreativa. Esta conseguiu aliar os nossos sentidos com a música (audição, com o concerto de Mornas, tato, com o workshop de construção de instrumentos), a arte (a visão, com a exposição de pinturas de António Firmino e Kiki Lima) e a gastronomia (olfato e paladar, com a degustação de iguarias cabo-verdianas). O facto de lançarem 5 CDs a acompanharem 5 livros, fez com que, logo de início, esta apresentação tivesse mais potencial para ser ativa. Senti a força da união da comunidade cabo-verdiana em Portugal. Toda a gente cantava, dançava, estava com os seus amigos e família e ouvia a Morna, mantendo a “sodade” e o amor à sua cultura e país. Também se pôde observar pessoas, como eu, que ficaram a conhecer este estilo de música e dança cabo-verdiana através desta coleção e que, apesar de não serem dessa cultura, sentiram-se incluídas. Creio que foi uma boa iniciativa por parte do Centro Cultural de Cabo verde e da editora A Bela e o Monstro.

3. Reflexões Finais

Nada disto seria possível, sem a espantosa preparação que recebi na minha licenciatura em Línguas, Literaturas e Culturas, com o *minor* em Edição de Texto e, principalmente, com o mestrado em Edição de Texto, na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova. Por meio do programa curricular deste mestrado, pude tocar em vários aspetos da área da edição: a edição moderna, através das cadeiras de Edição Eletrónica e Informática para a Edição; a edição e o livro tradicional, com História do Livro e Crítica Textual; o trabalho com o texto, com Teorias e Práticas de Escrita e Revisão de Texto e, um olhar global sobre o que é a edição e como é que é o mundo da edição, com Teorias e Práticas de Edição.

No entanto, também aprendi várias coisas ao fazê-las, coisas essas que não se aprendem em contexto académico, mas sim em contexto profissional. Aprendi a fazer algo tão diferente como faturação, a comunicar com todo o tipo de pessoas e igualmente, percebi o quão importante é a fase de pesquisa no que toca ao lançamento de novas coleções: é necessário escolher as obras a dedo, para que a coleção, para além de manter uma linha gráfica consistente, mantenha a identidade da editora, que neste caso quer promover e exaltar a cultura e a literatura portuguesa; também aprendi o quão trabalhoso é organizar a distribuição de livros, sobretudo para Câmaras Municipais e quão longo é todo esse processo.

Esperava ter tido um papel mais ligado ao texto em si, por exemplo, ajudando com as edições fac-símiles, porém tal não aconteceu, tendo essa tarefa ficado para a designer Maria João Ribeiro. O meu papel foi mais organizacional e orientador, uma vez que como estagiária tinha que me adaptar às tarefas que me eram propostas. Não quer dizer que não tenha gostado desse trabalho, mas esperava ter um papel ainda mais ativo no tratamento do texto, pois é isso que quero desenvolver na minha atividade profissional futura. Todavia, com a edição (nomeadamente, com o trabalho de corte) e revisão dos textos, bem como com a tradução pude entrar um pouco no mundo do texto.

Algumas coisas que poderia ter melhorado são ao nível da comunicação. Tendo passado de trabalho autónomo, com as exceções de trabalhos de grupo, na faculdade, foi-me difícil, ao início, adaptar à comunicação constante com o outro. Uma vez que a forma de comunicação era feita a partir do telefone ao invés de face a face, tive de me adaptar a esta nova forma de trabalhar. No início custou um pouco, mas à medida que os meses foram avançando, fui-me

tornando mais confiante e mais próxima do João e da Maria João, o que acabou por facilitar a frequência dessa comunicação.

Não obstante, penso que seria importante, se a empresa crescer e tiver mais colaboradores, a existência de um escritório, onde os colaboradores se possam encontrar e ter reuniões, de forma a facilitar o encontro físico, que considero bastante importante em trabalho. Poder comunicar e esclarecer certos pontos, poder ter segundas opiniões instantaneamente é fulcral para o bom funcionamento de uma equipa. Assim, evita-se que várias pessoas façam a mesma tarefa e propícia que o cruzamento de informação seja imediato. Claro que o *e-mail* e o telemóvel são ferramentas importantes e que, nesta era das tecnologias sejam consideradas uma das formas principais de comunicação, mas a interação com o outro é também uma ferramenta de trabalho.

O ter um local de trabalho para me deslocar iria resolver também dois problemas que considerei desvantagens no meu período de estágio. Primeiro, ao ter um local de trabalho, também teria obrigatoriamente um horário de trabalho apropriado. Foi também difícil acostumar-me a não ter horário de trabalho, pois não sabia o que esperar dos meus dias, se iria ter muito ou pouco volume de trabalho e a que horas o trabalho iria chegar. Foi também um pouco desgastante, uma vez que o meu local de trabalho foi, principalmente, o meu quarto, não tendo conseguido separar o momento de trabalho do momento de pausa que todos necessitamos, tendo, por vezes, como mencionei no capítulo 2, trabalhado até à noite, principalmente na fase das traduções.

Após o término do meu estágio na editora A Bela e o Monstro, posso afirmar que foi um período de aprendizagem e de trabalho constante, de desafios e etapas superadas, mas, sobretudo, um período de autodescoberta e de autoavaliação. Nos quatro meses que se passaram, e nos seguintes também, visto que continuo a colaborar com a editora, percebi que a área de Edição é realmente a área em que quero fazer de futuro a minha vida profissional.

Ainda tenho bastante para aprender. Acredito piamente que todos os dias aprendemos algo novo e que todos os dias vamos evoluindo. O meu percurso pode não ter sido perfeito, julgo que nenhum é, cometi erros como todas as pessoas cometem, senti-me atrapalhada por vezes, fruto da inexperiência, mas consegui sempre ultrapassar todos os desafios com resiliência e cumprir com os meus objetivos. De agora em diante, quero viver todos os dias a fazer algo que gosto, a lidar com livros e com o texto de uma forma ou de outra.

Bibliografia

- Bastos, Lília da Rocha, Paixão, Lyra, & Fernandes, Lucia Monteiro. (1982). *Manual para a elaboração de projetos e relatórios de pesquisa, teses e dissertações*. Rio de Janeiro: Guanabara.
- Garrido, Margarida Vaz & Prada, Marília. (2016). *Manual de Competências Académicas*. Lisboa: Edições Sílabo.
- McCann, Colum. (2017). *Cartas a um jovem escritor*. Lisboa: Clube do Autor.
- Mória, Telmo. (2014). *Construção de Textos: Gramaticalidade, Coesão e Coerência*. In Revista do Centro de Estudos Judiciários. 271-280 pp.
- Vale, Francisco. (2009). *Autores, Editores e Leitores*. Lisboa: Relógio D'Água Editores.
- Veiga, Manuel. (2002). *O Caboverdiano em 45 Lições*. Praia: INIC.

Webgrafia

- *Aquando* em Dicionário infopédia da Língua Portuguesa. Porto: Porto Editora, 2003-2020. [consult. 21-02-2020]. Disponível em: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/aquando>
- Coleção "Morna: Música Rainha de nós terra" apresentada em Lisboa. (2019). [consult. 22-01-2020]. Disponível em: <https://expressodasilhas.cv/cultura/2019/12/07/colecao-morna-musica-rainha-de-nos-terra-apresentada-em-lisboa/66986>
- Estatuto Editorial jornal *Expresso das Ilhas*. [consult. 15-01-2020]. Disponível em: <https://expressodasilhas.cv/info/estatuto-editorial>
- Estatuto Editorial jornal *Público*. [consult. 15-01-2020]. Disponível em: <https://www.publico.pt/nos/estatuto-editorial>
- Os Media em Cabo Verde. [consult. 15-01-2020]. Disponível em: <http://www1.ci.uc.pt/iej/alunos/media/st11.htm>
- Parr, Tony. (2018). *The mother-tongue principle: Hit or myth*. The ATA Chronicle. [consult. 06-02-2020]. Disponível em: <https://www.ata-chronicle.online/featured/the-mother-tongue-principle-hit-or-myth/>

Anexos

A)

Lista de Obras e Autores da Coleção “Médicos Escritores”

Obras Principais:

- Egas Moniz – *A Vida Sexual*
- Jaime Cortesão – *Memórias da Grande Guerra*
- Bernardo Santareno – *Nos Mares do Fim do Mundo*
- Fernando Namora – *A Noite e a Madrugada*
- Leite de Vasconcelos – *A Barba em Portugal*
- Fialho de Almeida – *O Paiz das Uvas*
- Júlio Dantas – *Eterno Feminino*
- Júlio Dinis – *As Pupilas do Senhor Reitor*
- Brito Camacho – *Por Ahi Fora*
- Miguel Torga – *Vindima*
- Miguel Bombarda – *O Delírio do Ciúme*
- Graça Pina de Moraes – *Na Luz do Fim*
- Abel Salazar – *Um Estio na Alemanha*
- João de Araújo Correia – *Contos Durienses*

Obras Extra:

- Ricardo Jorge – *Canhenho de um Vagamundo*
- Miguel Laranjeira – *Comigo*
- Júlio de Matos – *A Paranoia*

B)

Lista de Autores e Títulos dos Textos de Opinião da Coleção “Médicos Escritores”

- *A “Vida Sexual” de Egas Moniz* de António Santinho Martins (Médico endocrinologista, ex-presidente da Sociedade Portuguesa de Sexologia Clínica);
- *Jaime Cortesão: um médico na frente Ocidental da I Grande Guerra* de Emilio Ricon Peres (Estudioso da época da I Grande Guerra);
- *Nos Mares do Fim do Mundo: mitos pessoais de Bernardo Santareno* de Maria Aparecida Ribeiro (Professora da Universidade de Coimbra);
- *Impreterível* de José Manuel Mendes (Escritor/Professor Universitário);
- *O Maior Sábio de Portugal* de Ivo de Castro (Professor da Faculdade de Letras);
- *O País das Uvas, de Fialho de Almeida – o mais célebre eugenista português* de Luca Fazzini (Investigador Italiano, Doutor em Literatura, Cultura e Contemporaneidade);
- *A Mulher Portuguesa segundo Júlio Dantas* de Artur Anselmo (Academia de Ciências de Lisboa)
- *As Pupilas do Senhor Reitor* de Carmen Matos Abreu (Investigadora Integrada do CITCEM da Faculdade de Letras da Universidade do Porto)
- *Patologias parisienses* de Pedro Mexia (Escritor)
- *A Condição Humana* de Fernando Pinto do Amaral (Escritor e Professor Universitário);
- *A Doença do Ciúme* de Fernando Pinto do Amaral (Escritor e Professor Universitário);
- *Luz da Escrita* de José Manuel Mendes (Escritor/Professor Universitário);
- *Abel Salazar: Escritor* de António Pedro Pita (Professor Catedrático);
- *Contos Diurenenses, de João de Araújo Correia* de Mafalda Moço (Professora de PLE, FCSH/UNL);
- *Um Mergulho nas Viagens de Ricardo Jorge* de Rui Manuel Pinto Costa (Investigador do CEIS20 da Universidade de Coimbra);
- *A Poética da “mentira vital” em Manuel Laranjeira* de José Carlos Seabra Pereira (Professor e ensaísta);
- *Uma magistral antologia* de António José Albuquerque (Médico psiquiatra/ex-diretor do Hospital Júlio de Matos)

C)

Lista de CDs da Coleção “Morna – Música Rainha de Nôs Terra”

- *Morna: Alma de um Povo;*
- *Morna: Música Cosmopolita (i);*
- *Morna: Música Cosmopolita (ii);*
- *Morna: Intérpretes e Instrumentistas Intemporais;*
- *Nova Morna.*

D)

Lista de Autores e Títulos dos Textos de Opinião da Coleção “Morna – Música Rainha de Nós Terra”

- *Na Encruzilhada do Património Imaterial* de César Monteiro (Sociólogo da Música e investigador);
- *Morna: percursos na rádio e nos discos* de Carlos Filipe Gonçalves (Jornalista e músico);
- *Breves notas sobre a história da Morna* de Moacyr Rodrigues (Etnomusicólogo);
- *Morna ou Fado Crioulo* de Vitorino Salomé (Músico);
- *Diamante de 105.7 quilates* de Vasco Martins (Músico);
- *Morna, amor e morte* de Carlos Martins (Músico e presidente da Associação Sons da Lusofonia).

E)

Lista de Obras Compradas

- Bombarda, Miguel. (2001). *O Delírio do Ciúme*. Lisboa: Ulmeiro;
- Bombarda, Miguel. (1896). *O Delírio do Ciúme*. Lisboa: Medicina Contemporânea;
- Morais, Graça Pina de. (1961). *Na Luz do Fim*. Lisboa: Delfos;
- Dinis, Júlio. (1867). *As Pupilas do Senhor Reitor*. Porto: Typ. Jornal do Porto;
- Jorge, Ricardo. (1923). *Canhenho de um Vagamundo*. Lisboa: Empresa Literária Fluminense;
- Laranjeira, Manuel. (1912). *Commigo: Versos d'um solitário*. Porto: Typ. Fonseca & Filho.
- Glória, Maria da. (1962). *A Magrizela*. Lisboa.
- Archer, Maria. (1946). *Casa Sem Pão*. Lisboa: Empresa Contemporânea de Edições.

F)

1. Texto não editado de António Santinho Martins sobre “A Vida Sexual” de Egas Moniz

Egas Moniz, mais conhecido por ter sido o primeiro Nobel português e, até agora, único, no campo das Ciências, mais concretamente, da Medicina e Fisiologia, atribuído em 1949, é uma figura fascinante pela pluralidade das suas aptidões.

A sua actividade como médico e investigador deu origem à publicação de 16 livros e 278 monografias, muitos deles em línguas estrangeiras e, na sua vertente cultural, 52, na maior parte conferências, depois vertidas em publicações. Aborda sob o ponto de vista histórico, o Abade Faria e o hipnotismo, o Papa João XXI (médico) e o Abade de Baçal. Sob o ponto de vista das Belas Artes, artistas portugueses, pintores, Silva Porto, José Malhoa, Abel Salazar (médico) e, escultor Maurício de Almeida. Na literatura, Almeida Garret, Camilo Castelo Branco, Gil Vicente, Guerra Junqueiro, João de Deus, Júlio Dantas (médico), Júlio Diniz (médico), Padre António Vieira, Ricardo Jorge (médico) e Teixeira de Pascoaes. Da colecção, que o Público, em boa hora vai lançar, “Médicos Escritores”, constam alguns amigos pessoais de Egas, Júlio Dantas, Miguel Bombarda e Abel Salazar, Brito Camacho com aproximações e afastamentos devido às contingências da política. Uma geração notável.

Em 1928, no Rio de Janeiro, afirmou que, “Os médicos carecem de uma vasta cultura geral e esta não se compreende sem uma sólida base artística”.

Foi deputado, diplomata, ministro, Presidente da Delegação à Conferência de Paz de Versalhes, em 1918, duas vezes preso por conspirações na Primeira República, maçom, literato, etnógrafo, cultor de Belas Artes, colecionador de Arte, ligações ao Teatro e à Música, duelista, um deles, à espada, com Norton de Matos, Professor universitário e Cientista.

Licenciou-se em 1899, ainda com 24 anos, iniciando vários estágios, em França, em Neurologia e Psiquiatria, Professor da Faculdade de Medicina de Coimbra aos 28 anos, e, Professor de Neurologia na Faculdade de Medicina de Lisboa aos 37 anos (1911). Em 1926, abandona definitivamente a sua actividade política para se dedicar, já com 51 anos, em exclusivo, à Neurologia, ao ensino e à investigação.

O seu livro, A Vida Sexual, inicialmente, era composto por dois volumes, o primeiro publicado em 1901, é a sua tese de doutoramento, defendida nesse mesmo ano, com o título “A Vida Sexual I (Fisiologia)”, com uma segunda edição em 1906. O segundo volume “A Vida Sexual II (Patologia)”, é igualmente uma tese, agora concursal para professor da Faculdade de Medicina de Coimbra, ainda em 1901, com conseqüente publicação na mesma data e, uma segunda edição em 1906. Os dois volumes passam a volume único, em 1913, sofrendo consideráveis alterações em alguns capítulos, e é considerada como 3ª edição. A 4ª, em 1918, é novamente revista, a 6ª, em 1923, revista e aumentada, e a 10ª, em 1931, terá sofrido a última revisão.

Possuo a 11ª, de 1931, já com 25000 exemplares vendidos. A 15ª, em 1932, já ia nos 29000, e a última, a 19ª, em 1933, presumo 33000 exemplares. Para um país, à época, de analfabetos, é deveras notável. E por que parou na 19ª? Porque a sua venda foi proibida pelo governo salazarista e, não sei se é mito urbano, a sua consulta em bibliotecas só era possível com uma receita médica.

Quais foram os objectivos de Egas Moniz com a feitura deste livro? Di-lo no Prólogo da segunda edição de *A Vida Sexual II (Patologia)*, em 1906: Primeiro, satisfazer as exigências para o seu doutoramento e para a admissão ao professorado, segundo, que os colegas e pessoas cultas compreendessem que "... a exposição das misérias sexuais só pode incitar à compaixão e diminuir a repulsa para actos que se denominam de devassos, quando não passam de fenómenos patológicos". E diz mais, "Os pseudo moralistas de velhos tempos vieram mais uma vez anatematizar a minha obra com o epíteto de imoral, como se a moral fosse sinónimo de ignorância". Manifesta ainda a intenção de publicar um novo volume, sobre a sexualidade, que se denominaria "O Complexo Sexual", para relevar as teorias de Sigmund Freud sobre a Psico-análise (sic). Apesar de várias promessas, nunca foi dado à estampa, sendo substituído por uma pequena monografia, *O Conflito Sexual*, publicada em 1922.

Apesar de alguma controvérsia, gerada por alguns membros dos júris das suas provas académicas, o verbo fácil, a qualidade dos conhecimentos, baseados nos grandes vultos da sexologia europeia e, também de alguns conceitos pessoais, valeram-lhe a classificação de Muito Bom, permitindo-lhe o acesso ao professorado universitário.

O conhecimento científico é um longo processo evolutivo e cumulativo. Costumava dizer aos meus alunos que, em Ciência, as verdades de hoje podem ser as mentiras de amanhã, mas temo-nos de reger pelas verdades de hoje e manter um espírito crítico e curiosidade científica suficiente, para podermos gerar as verdades de amanhã. Desde meados do séc. XIX, devido à evolução das ciências biológicas, estabeleceram-se novos conceitos sobre a sexualidade. Esta evolução/revolução dos conhecimentos fisiológicos, implicou uma nova perspectiva sobre alguns comportamentos sexuais, substituindo os conceitos religiosos e morais por uma patologização desses actos sexuais, e colocando-os no âmbito da Medicina. Verdadeiramente, na minha perspectiva, e, não querendo excluir os factores socioculturais, os problemas sexuais sempre estiveram sob o chapéu de chuva da Medicina. Abrindo um parêntesis, considero, como os grandes antepassados dos sexologistas portugueses, avant la letre, convenhamos, Pedro Hispano (séc. XIII), Amato Lusitano e Garcia de Orta (séc. XVI) e Ribeiro Sanches (séc. XVIII). A patologização levou, por exemplo, a que a homossexualidade fosse considerada doença, o que teve algumas vantagens. Das fogueiras da Inquisição já só restavam cinzas, mas, à época, os cárceres continuavam de portas abertas para receber os homossexuais. Em seguida, a grande luta, foi a despenalização, e só recentemente passou a variante da orientação sexual. Espantosamente, como retrocesso civilizacional, há poucos dias, a comunicação social anunciava que, no Brunei, tinha sido instituída a pena de morte, por apedrejamento, para homossexuais e adúlteros.

Nos finais do séc. XIX, e, especialmente no vinténio 1890-1910, havia a nível europeu, ventos favoráveis a alterações das conceptualizações dos comportamentos sexuais desviantes, sendo seus mentores, entre outros, Paolo Mantegazza (1831-1910), Krafft-Ebing (1840-1902), Auguste Forel (1848-1931), Sigmund Freud (1856-1939), Havelock Ellis (1859-1939), Albert Moll (1862-1939), Magnus Hirschfeld (1868-1935).

Egas Moniz, muito atento e informado quanto à evolução da Neurologia e também da Psiquiatria e, certamente, aproveitando a boa onda, teve a coragem de produzir as duas teses universitárias, não escondendo a grande influência de Krafft-Ebing, Freud, Moll e de Charcot e a sua hipnose. Krafft-Ebing, foi o autor do livro *Psychopatia Sexualis* (traduzindo para português, o título e o subtítulo que lhe estava adjacente, *Psicopatia do Sexo. Estudo médico-legal para uso de médicos e juristas*), publicado em 1886. O título em latim assim como a terminologia científica era uma tentativa de desencorajar a sua leitura pelas camadas populares e, conferia-lhe, à partida, um cunho científico, que realmente tinha. Egas Moniz, seguiu-lhe, não no título, mas em algumas situações, o mesmo critério.

A perversão, denominação seguida por Egas Moniz, é todo o comportamento sexual que não tenha por objectivo a procriação. A descrição dos vários comportamentos sexuais, ditos, perversões, é muito rica, cita trabalhos de muitos autores, e tem o mérito de dar as suas opiniões, a sua experiência, contraditando em alguns pontos, autores, mesmo alguns que são a base da sua escrita, como Krafft-Ebing, interrogando-os, não validando ou contrapondo. Egas Moniz, em determinadas situações, é muito conservador, muito moralista, talvez mesmo, excessivamente adjectivador, mas noutras, defende posições muito avançadas que, ainda hoje, são susceptíveis de serem contestadas por largas camadas da sociedade. Nunca é demais salientar a sua capacidade de trabalho, inteligência, uma enorme intuição e persistência nas suas principais investigações em que, a Angiografia Cerebral e a Leucotomia Pré-frontal são prova disso.

A *Vida Sexual*, com as sucessivas edições, atravessou várias transformações políticas e sociais, não só em Portugal, mas também na Europa e no Mundo. No nosso país, um período de grande agitação, até à implantação dos ideais republicanos. Depois seguem-se os tempos difíceis da Grande Guerra, em que participámos, com os consequentes sacrifícios humanos, perdas de vida, agravamento das condições sociais, açambarcamentos, racionamentos, lutas políticas entre guerristas e antiguerristas, republicanos e monárquicos. Com o fim da guerra sucedem-se os “loucos anos vinte”, com substanciais alterações nas artes, no vestuário, nos costumes e nos comportamentos sexuais, com condescendência para com a homossexualidade. As forças conservadoras, as próprias autoridades republicanas e a Igreja Católica, já refeita dos constrangimentos iniciais impostos pelos republicanos, tiveram força suficiente para atenuar esse movimento. É histórico o que se passou, em 1922/3, com as polémicas levantadas com a publicação de livros dos poetas homossexuais, António Botto e Judith Teixeira, de tal maneira exacerbadas, que levaram Fernando Pessoa e Raúl Leal a entrar na liça contra a reacionária Liga de Estudantes de Lisboa, que contava entre os seus dirigentes, futuras figuras de proa do regime salazarista, que pressionava os livreiros para retirarem das montras os livros destes poetas, culminando com a cumplicidade do Governador Civil de Lisboa, um verdadeiro auto de fé, na queima pública dos seus livros.

A Vida Sexual, como qualquer outro livro, ou como qualquer ser vivo, sofre os efeitos da anciania, palavra cara a Egas Moniz, mas como representante de um tempo e das suas ideias, passa a testemunho histórico, de um valor incalculável, para quem, por estas coisas, se interessa.

2. Texto editado de António Santinho Martins sobre “A Vida Sexual” de Egas Moniz

“A Vida Sexual” de Egas Moniz



António Santinho Martins

Egas Moniz, conhecido por ter ganho o Prémio Nobel da Medicina, único português a recebê-lo no campo das Ciências, é uma figura fascinante pela pluralidade das suas aptidões.

A sua atividade como médico e investigador deu origem à publicação de 16 livros, 278 monografias e 52 conferências. Na coleção *Médicos Escritores*, que o PÚBLICO em boa hora vai lançar, constam alguns amigos pessoais de Egas: Júlio Dantas, Miguel Bombarda, Abel Salazar e Brito Camacho.

No início, *A Vida Sexual* era composta por dois volumes: o

primeiro, intitulado *A Vida Sexual I (Fisiologia)*, foi a sua tese de doutoramento; o segundo volume intitulava-se de *A Vida Sexual II (Patologia)*. Os dois volumes passam a ser um só, em 1913, tendo, no total, 19 edições. Para um país, à época, de analfabetos, é notável. E por que parou na 19.^a? Porque a sua venda foi proibida pelo Governo de Salazar e, não sei se é mito urbano, dizem que a sua consulta em bibliotecas só era possível com receita médica.

Quais os objetivos de Egas Moniz com este livro? Di-lo no prólogo da segunda edição de *A Vida Sexual II (Patologia)*, em 1906: primeiro, satisfazer as exigências para o seu doutoramento e para a admissão ao professorado e, segundo, para que os colegas e pessoas cultas compreendessem que “a exposição das misérias sexuais só pode incitar à compaixão e diminuir a repulsa para actos que

se denominam de devassos, quando não passam de fenómenos patológicos”.

Costumava dizer aos meus alunos que, em Ciência, as verdades de hoje podem ser as mentiras de amanhã, mas há que manter a curiosidade científica suficiente para se gerarem novas verdades. Desde meados do séc. XIX, devido à evolução das ciências biológicas, estabeleceram-se novos conceitos sobre a sexualidade, por mentores como Paolo Mantegazza, Krafft-Ebing, Auguste Forel, Sigmund Freud, Havelock Ellis, Albert Moll e Magnus Hirschfeld. Esta evolução dos conhecimentos fisiológicos implicou uma nova perspetiva sobre alguns comportamentos sexuais, substituindo os conceitos religiosos e morais por uma patologização dos atos sexuais, colocando-os no âmbito da Medicina. A

patologização levou, por exemplo, a que a homossexualidade fosse considerada doença.

A descrição dos vários comportamentos sexuais é muito rica; cita trabalhos de muitos autores, contradizendo-os e interrogando-os, e tem o mérito de dar as suas opiniões e a sua experiência. O autor, em determinadas situações, é muito conservador, moralista e adjetivador, mas, noutras, defende posições muito avançadas para o seu tempo.

Este livro, como qualquer ser vivo, sofre os efeitos da anciania, mas, como representante de um tempo e das suas ideias, passa a testemunho histórico, de valor incalculável, para quem, por estas matérias, se interessa.

**Médico endocrinologista,
ex-presidente da Sociedade
Portuguesa de Sexologia Clínica**

G)

Texto não editado de Emílio Ricon Peres sobre “Memórias da Grande Guerra”

“Memórias da Grande Guerra” não foi a primeira incursão de Jaime Cortesão na temática da Grande Guerra. Em junho de 1916, também na “Renascença Portuguesa”, tinha publicado um folheto, 29 páginas, “Cartilha do Povo. 1.º Encontro”, Portugal e a Guerra, Pela Pátria.

Na tradição iniciada por José Falcão em 1884 e apropriando-se do título e das personagens, João Portugal e José Povinho, esta obra foi publicada sem indicação de autor, embora nas “Memórias”, quando refere as obras “do Autor” se indique “Cartilha do Povo, I-II, 1916”.

Ao contrário da de José Falcão, que propugnava o advento do regime republicano, com múltiplas edições dos mais variados editores, a de Cortesão apenas teve uma única edição, se bem que com uma grande tiragem, comprada pelo Ministério de Guerra.

Cortesão havia ainda publicado um poema, Cântico Lusíada, numa edição especial de A Águia, que juntava os n.ºs 52 a 54 daquela revista (abril, maio e junho de 1916) sobre Portugal e a Guerra (páginas. 127/130):

“Torna a soltar as azas sobre o Atlântico,
Ressuscita no génio de Camões,
Paira por sobre o Mundo, sê um cântico !
Abril de 1916. “

Do que já vos referi, adivinham que Cortesão alinhava nas hostes então designadas por Guerristas (por oposição a Antiguerristas). Voltemos às “Memórias”.

Editadas pela Renascença Portuguesa em 1919, tinha 247 páginas e 33 gravuras extra texto, bem como mapa desdobrável “da região do norte da França onde operaram as nossas tropas”, estando, o manuscrito do livro e gravuras em depósito na BNP, Espólios Reservados.

A capa reproduz água-forte de Adriano Sousa Lopes (1879-1944), “Duas Ordenanças de Infantaria 11”, 1918.

Cortesão refere-se a Sousa Lopes: “Porque enfim para pintar a guerra veio fazer os cartões para as trincheiras. Eu vi, eu ví-o na primeira linha, a setenta, oitenta metros do boche sentar-se num saco e, imperturbável, apontar de crayon em punho, demoradamente.”

Outros autores de livros sobre a Grande Guerra, utilizaram obras deste artista para ilustrar capas dos seus livros (André Brun, Américo Olavo, Augusto Casimiro...). Deixemos a capa, entremos no livro.

Ao contrário de outras publicações sobre a Grande Guerra, com várias edições ao longo destes mais de 100 anos, caso de “A malta das trincheiras”, de André Brum, esta obra apenas veio a ter uma segunda edição 50 anos depois, em 1969, editada pela Portugália e integrada nas Obras Completas de Jaime Cortesão-17. Memórias: 1, com 267 páginas e 16 gravuras, sendo a capa diferente da 1.ª edição (retrato desenhado do autor, comum a todas as obras desta coleção).

Mais recentemente, em Viseu, 2016, foi reeditada pela Direção de História e Cultura Militar e Quartzo Editora, com capa diferente da original, mas também de Sousa Lopes, “Maqueiros, 1918” carvão sobre papel.

Cortesão não participou diretamente na Batalha de La Lys, por se encontrar hospitalizado. Contudo, a sua entrada nas “Memórias” relativa a 9 de abril, dá uma ideia clara, vista da retaguarda, do que se passou na frente, incluindo frases que perduram até hoje: “É aquele que está sentado, com a cabeça entre as mãos e os olhos perdidos, repete com voz cava, falando consigo: - Foi o Alcácer-Quibir do C.E.P. “

No meio da confusão generalizada, Cortesão não se esquece de dar nota política de unidade guerrista, quando invoca o encontro com o Capitão Almiro de Vasconcelos, herói condecorado da G.G. e monárquico convicto. “Os olhos estão cerrados, mas a contractura violenta dos masseteres, o latejar das têmporas e o premir raivoso dos beiços, de comissuras caldas, dizem o esforço de não gritar. É o capitão Almiro de Vasconcelos. Um enfermeiro conta-me em voz baixa que tem uma coxa esfacelada.”

Para contrabalançar, invoca de seguida o encontro com o filho do chefe da Revolução de 14 de maio de 1915, o Alferes Jaime Leote do Rego: “As camas estão cheias. Então lá do meio um gesto brando acena-me. Avanço até ao leito, donde sai um meio corpo inquieto e uma cabeça de face inchada, os queixos atados, deixando ver junto da boca o extremo duma larga ferida. Custa-me a reconhecê-lo, tão deformado e branco tem o rosto. É o alferes Jaime Leote do Rego. E baixinho, que o bulir dos lábios abre-lhe dores na face, conta-me o seu caso”

Por fim, em 1921, na Homenagem aos Soldados Desconhecidos, termina lapidar:

“Se alguém julga que o enterra,

Esse é que leva a mortalha:

Quem morreu em boa guerra

Fica sempre na Batalha”

Bom, deixemos o prefácio e vamos à leitura, que foi para isso que Cortesão o escreveu.

H)

Texto de Artur Anselmo sobre “Eterno Feminino”

A mulher portuguesa segundo Júlio Dantas



Artur Anselmo

Júlio Dantas foi uma das personalidades literárias de maior relevo em Portugal. Na sua obra de ensaísta, dramaturgo, poeta e ficcionista, a mulher ocupa um lugar de destaque. Na vasta galeria de personagens femininas que passam pelas páginas de livros como *Mulheres* (1916), *Eles e Elas* (1918), *Como Elas Amam* (1920), *Eva* (1925), *Eterno Feminino* (1929), *As Inimigas do Homem* (1933), entre outros, há lugar para todas as mulheres.

Na obra agora reeditada, sem dúvida uma das mais insinuas da literatura portuguesa

contemporânea, lembra Júlio Dantas com o seu proverbial bom-humor: “Já eu o disse num dos meus livros, e é verdade: o maior defeito, o grande defeito da mulher – é o homem.”

Se dúvidas houvesse acerca disso, bastaria atentarmos na indiferença com que o Adão português deixou ao abandono os traços mais delicados da personalidade feminina. Sirvam de exemplo as cartas de amor escritas por mulheres portuguesas, desde a mais conhecida (Sóror Mariana, a freira de Beja) até à mais humilde das amantes. “A portuguesa”, escreve Júlio Dantas, “tem um coração extremamente sensível, uma penetrante inteligência do sentimento, e toma o amor a sério, como talvez nenhuma outra mulher. (...) Talvez por isso, porque a portuguesa ama absorventemente e sente o amor com mais exaltação,

dando-se toda, ardendo na própria chama que ateia, é que as suas cartas impressionam e perturbam mais do que quaisquer outras.”

Dizia-se outrora, na França setecentista, que nenhum “homem de honra” tinha o direito de conservar as cartas de amor que recebia. Ao contrário de outros povos, cuja cultura faz da carta de amor um documento indispensável ao conhecimento do passado, nós, portugueses, insiste Júlio Dantas, padecemos do defeito contrário: “Tudo rasgamos, tudo queimamos, mesmo aquilo que não haveria inconveniente de maior em conservar – e o resultado é que o talento epistolar das portuguesas, a sua infinita ternura, os tesouros da sua sensibilidade, as subtilezas da sua dialéctica, os arroubos da sua paixão, as exaltações do seu próprio misticismo amoroso, pouco mais têm a documentá-los do que as

cartas de Sóror Mariana (...) tão humanas, tão veementes, tão admiráveis...”

Pelo que diz respeito à sensibilidade do *Eterno Feminino*, em matéria de cartas de amor como em tantos outros aspectos, a obra de Júlio Dantas é um documento imperecível de escultura literária, homenagem amena, suave, mas sempre comovida, à indefinível e perturbadora Costela-de-Adão. Médico de formação, Júlio Dantas desempenhou, ao longo da vida, funções destacadas, tais como as de ministro em vários governos da 1.^a República, presidente da Academia das Ciências de Lisboa, director do Conservatório Nacional, presidente das comemorações do Duplo Centenário da Nacionalidade (1940).

Academia das Ciências de Lisboa

Texto de Lucca Fazzini sobre “O País das Uvas”

O País das Uvas, de Fialho de Almeida – o mais célebre eugenista português



Lucca Fazzini

O País das Uvas (1893), colectânea de contos de Fialho de Almeida, envolve o leitor num universo habitado por figuras humildes, fragilizadas pela aspereza de uma vida marcada pelas privações e pela dureza do trabalho. São inúmeros os corpos invisíveis, provenientes das classes sociais mais desfavorecidas, que circulam pelas paisagens desenhadas pelo autor através da escrita. Tanto nas ruas de Lisboa, como nos campos ardidos pelo sol do Alentejo, Fialho de Almeida encontra aquele material humano, vivo e pulsante, necessário para satisfazer a sua inesgotável paixão pela realidade.

A partir dessas duas geografias específicas, o autor captura

fragmentos de um quotidiano hostil, que molda a vivência e até os próprios corpos das figuras que as habitam. O olhar de médico desenvolve um papel fulcral na escrita de um autor que costura as suas reflexões literárias a partir da observação científica do real. A estética do naturalismo aparece de forma nítida, proliferando as tensões estéticas características do final do século XIX. Tendências expressionistas e alucinações simbolistas convivem na escrita de Fialho, transformando *O País das Uvas* num universo estético e estilístico complexo e eclético.

Apesar dessa pluralidade de tendências, existe, no entanto, uma profunda coerência que envolve não apenas a sua escrita, mas também a sua formação médica e as suas reflexões científicas. A observação naturalista da realidade e uma certa perspectiva decadente traduzem em literatura a visão de mundo de um autor considerado como o “mais célebre eugenista português.”

Herdando os preconceitos transformados em ciência pelo chamado “racialismo científico”, os eugenistas, preocupados com o melhoramento da “raça”, viam os casamentos entre etnias e classes diferentes como fonte de degeneração. A partir dessa perspectiva podem ser lidas diversas passagens das obras de Fialho, como as suas descrições dos pobres, “monstros da fauna humana, que a natureza recalca em sofrimento”, ou como as opiniões do autor sobre os alentejanos, raça “mal cruzada, degenerada, raquítica”.

Apesar da honesta e vívida compaixão perante o sofrimento e as fadigas diárias dos camponeses e das classes mais desfavorecidas, evidente em *O País das Uvas*, não existe, no médico-autor, possibilidade de enxergar beleza para além do corpo “saudável” e da vida considerada como “digna”.

Ler a obra de Fialho de Almeida significa deparar-se com posições colonialistas e racistas, expressas de

forma clara nas suas crónicas e evidentes na sua prosa ficcional. Nesse sentido, o valor documental da obra do autor alentejano ultrapassa a simples descrição panorâmica da realidade portuguesa da época. Ler Fialho permite investigar todas aquelas hierarquias interpretativas e de valores que moldaram a acção científica e política portuguesa numa fase fulcral do desenvolvimento colonialista do Ocidente.

Nesse sentido, *O País das Uvas*, assim como a obra completa do médico-escritor, representa um importante testemunho para investigar pressupostos e dinâmicas que não se esgotaram com a queda dos fascismos e com o desmoronar dos impérios coloniais, mas que habitam ainda as realidades contemporâneas.

Pesquisador italiano, doutor em Literatura, Cultura e Contemporaneidade

J)

Textos não editados de José Manuel Mendes sobre “A Noite e a Madrugada” de Fernando Namora e “Na Luz do Fim” de Graça Pina de Morais

Impreterível



José Manuel Mendes

Nos finais da primeira metade do século em que viveu (1919-1989), doze anos após *Relevos* e já sob aplauso da crítica e dos leitores, Fernando Namora publica *A Noite e a Madrugada*, realização entre nós incomum.

Terra e Fogo na Noite Escura haviam trazido, com a arte dissecatória do autor, figuras, ambiências, situações e processos que identificam a agudeza dos contrastes num tempo em ferida – guerras, injustiças, a urgência da solidariedade e de uma mudança político-social, o neo-realismo a seu jeito.

Os pobres e ambulantes aos baldões pelos dias, reunidos num casebre, tecto de coisa nenhuma e

do humanismo irreductível (*Casa da Malta*), revelaram-se inesperados pela sensibilidade cultural em voga, tal como, adiante, os mineiros de San Francisco, num teatro de estoicismo, conflitos de classe, e predicaram os universos vigorosos de *Retalhos da Vida de Um Médico*, reassumidos com contornos diversificados em boa parte da bibliografia sequente.

“Páginas acontecidas ou imaginadas? Imaginadas” – *Encontros*, acerca das narrativas anteriores ao romance “muito belo” (Mário Dionísio em recensão da época) agora repostos, fac-simile, amiúde revisto no decurso das reedições. Como sobre este poderíamos ler, “imaginado” que é, ficção a cada sequência, ainda quando nutrido por indicadores sociopsicológicos, osmose de observações, vivências, invenção compositiva e fabular.

Os núcleos temáticos, longe da tradição romântica e naturalista, organizam-se enleando o burlesco e

o pungente, entre lances lúdicos, violentos, cingidos ao risco, à iminência da desgraça, do fortuito, marcados pela dureza multiforme e por horas de jogo, roubo, desacatos, enquanto a defesa da propriedade comunitária, alvo de usurpação, se faz contra o Visconde e os capatazes que a lei protege.

A luta do velho Parra, que só a morte vergará, se o filho António, contrabandista, a não herdar, é um fio de alvorada na treva dos míseros e espoliados. Como o gesto de Calhica, também sensual, para acudir a um camarada. Ou, apesar dos devaneios e falsidades, a fala de Clemente, certos flagrantes de Camarão e Corinhas. Numa outra dimensão, a terra-matriz, do Pomar ao registo das cheias à espera de um rio com águas propícias ao acometer da fronteira, a epopeia da candonga sob tiros da Guarda, o Dr. Providência, médico, imagem do poder opressivo, a pertinácia na sobrevivência, as paisagens, fraga e agrestia. Homens e bichos. Pencas,

irmão de António, moído de pancada, lermo, mirada nas moedas do tio cego, a domar uma cobra com engenho nos parágrafos de abertura. (Oscar Lopes: Um “começo” [...] inesquecível como expressão do *famiente* de largo soalheiro e taberna de aldeia.) Pencas, que irá apropriar-se das botas do pai, inerte no caixão. Gatos e miúdos, cães, gado nos campos quase áridos. A espessura da solidude, o pulsar das esperanças por sonhos e torvelinhos.

Ousado no travejamento, cruzando linguagens de invulgar exactidão com uma escrita incisiva, rigoroso no entalhe singularizador das personagens, que se não olvidam, *A Noite e a Madrugada*, pela trama e pelo fôlego, “afirma” (Urbano Tavares Rodrigues) “a qualidade excepcional da obra de Fernando Namora”, uma das impreteríveis do nosso património estético de novecentos.

Escritor/professor universitário

Luz da escrita



José Manuel Mendes

A forma discreta como Graça Pina de Morais, em 1953, surgiu no contexto cultural do país, com as narrativas *Sala de Aula e Semideuses*, sob pseudónimo (Bárbara Gomes), não deixou de revelar os méritos pessoais de um percurso que em breve a tornaria notada junto de leitores e críticos mais judiciosos, Oscar Lopes entre eles. As quatro novelas de *O Pobre de Santiago*, 1955, e, sobretudo, o romance *A Origem*, 1958, cedo confirmaram um projecto que, em época de forte tempero neo-realista, conheceu, de modo superador e autónomo, os legados de Raul Brandão e Dostoievski, do existencialismo enquanto indagação introspectiva não desvinculada da socialidade e do

sopro agustiniano, nessa década percutido por empreendimentos como *A Sibila*. A sua entificação literária, a diferentes níveis, singularizava-se já por traços incomuns de dissecação das condutas humanas, individuais e colectivas, num quotidiano conformado e, em geral, alheio a todo o questionamento.

Nascida no Porto (1925), trouxe para as páginas dos livros publicados a inscrição das evocações de infância, da Foz às atmosferas naturais e gregárias por sítios de França e do Douro que amiúde, sem derrames descritivos, se constituem cenário, pretexto ou moldura pontual da sua obra. O sentido do lugar, e, nele, da natureza (não sobretudo) paisagística, releva como desvanecimento ou tatuagem, ferida impicante, na densidade psicológica das efabulações, ainda quando cingidas a uma regra de factualidade restrita. Tal como o facetar das personagens, nunca à margem de um bisturi que esfacela as aparências e busca

zonas de fractura, interdito, oscilação, sofrida autognose. Daí os tópicos dominantes: transtorno emocional, medo, loucura – tão contígua ao normal vulgarmente concebido –, o suicídio (hipótese, espectro, irrealização), o amor interrogado, mentira e conveniência, quanto é pulsional e súbito, uma dor íntima aquém das relações de todo o tipo: afectivas, no exercício da profissão, estabilizadas ou de circunstância, num consultório, numa casota de lenha, nos espaços domiciliários, pelo acaso da aldeia ou das ruas na cidade amiúde sem rosto nem identidade, mesmo que se chame Lisboa.

Graça Pina de Morais, médica social e psiquiátrica na capital a partir dos anos 50, imprime à escrita e aos mecanismos de fabulação uma rara subtilidade de desvendamento dos labirintos psicológicos, atenta à fragilidade dos seres singulares – amiúde entregues a si próprios até à solidão e ao apelo de rupturas que

são iminência, possibilidade, horizonte libertador –, enquanto desenha, em fundo sombrio, os conformismos, impasses e (também) inquietudes da pequena burguesia e das classes desvalidas num tempo homiziado. Precisa nos diálogos e na palavra que nomeia, interpela, qualifica, sondando o real e o mistério em que eles se furtam, a autora, nos cinco contos inesquecíveis de *Na Luz do Fim*, contagiantes nos registos avessos à erosão de excessos ou lirismos convencionais, enuncia problemáticas (ontológicas, éticas, literárias) cuja premência substanciará *Jerónimo* e *Eulália*, porventura o título consagrador da bibliografia, e *A Mulher do Chapéu de Palha*, editado após a sua morte (1992), permanecendo como um momento de vulto da ficção portuguesa na segunda metade do último século.

Escritor e professor universitário

K)

Texto em papel de Vitorino Salomé

- MORNA OU FADO CRIOULO -
DO IMPÉRIO COLONIAL PORTUGUÊS, SÓ DEPOIS DO
25-DE ABRIL DE 1974, NOS CHEGARAM AO
CONHECIMENTO OS COSTUMES, AS CULTURAS
DOS POVOS COLONIZADOS.
A EXPOSIÇÃO DO MUNDO PORTUGUÊS, INAUGURADA
EM 1940, MOSTRA AO VIVO, POPULAÇÕES
TRAZIDAS MAIORITARIAMENTE DE ÁFRICA NOS
SEUS TRAJES PARCOS E MAIS EXÓTICOS, MAS É
POUCO PROVÁVEL QUE NO PAVILHÃO DAS ILHAS,
DA SECÇÃO COLONIAL, HOUVESSE ALGUMA REFERE-
RÊNCIA À CULTURA CRIOLA DE CABO VERDE,
OU TIVESSE SIDO CANTADA ALGUMA
MORNA. ALIÁS, O ESTADO NOVO ACHAVA QUE
"A MORNA ERA UMA DANÇA E CANTIGA DE CABO
VERDE, UM POUCO DOLENTE E LASCIVA"
(GRANDE ENCICLOPÉDIA PORTUGUESA E BRASILEIRA)
ASSIM, O POVO PORTUGUÊS NUNCA TEVE O POR-
TUNIDADE DE SE DELICIAIR COM UMA SUCULENTA
CACHUPA AO SOM DE UMA MORNA, COMO ACONTECIA
COM OS COLONOS QUE HABITAVAM AS ILHAS.
DEPOIS DA INDEPENDÊNCIA, CABO VERDE ESPALHOU
PELO O MUNDO, LEGIÕES DE MÚSICOS E CANTORES
QUE LEVAM SEMPRE NA BAGAGEM A MORNA.
MAS A CAPITAL DA MÚSICA CRIOLA AINDA
É LISBOA. PORQUE FOI DAQUI QUE OS MARINHEIROS
E VIAJANTES LEVARAM PARA AS ILHAS, AS VIOLAS,
OS CAVAQUINHOS E AS GUITARRAS PORTUGUESAS,
QUE DERMAM ORPO INSTRUMENTAL À MÚSICA
CANTADA EM CABO VERDE, E QUE PARA CÁ
VOLTOU CAFREALIZADA E CRIOLA NA LETRA
E NA MELODIA.
NÃO É ARRISCADO DIZER QUE UMA MORNA
É UM FADO TROPICAL.

ANTES DO MICROFONE, A MORNA ERA CANTADA COMO O FADO: EM SILÊNCIO DOS PÚBLICOS, E PROVAVELMENTE COM MAIS APOIO INSTRUMENTAL PARA SER DANÇADA. A AMPLIFICAÇÃO E APOIO DE INSTRUMENTOS COMO O BAIXO O PIANO OU CLARINETE, DÃO-LHE OUTRA DIMENSÃO E AUMENTAM MUITO O NÚMERO DE ADMIRADORES E PRATICANTES. O CAVAQUINHO QUE SE TORNOU FUNDAMENTAL NO ACOMPANHAMENTO, NÃO É O ORIGINAL BRACARENSE: É O CAVAQUINHO TORNA-VIAGEM DO BRASIL, QUE É TOCADO COM TÉCNICA DIFERENTE DA PRATICADA NO RIO DE JANEIRO. COM ESTA MELHORIA DE MEIOS, A MORNA CRESCERU EM NÚMERO DE COMPOSITORES E INTERPRETES E ALCANÇOU A FAMA E GLÓRIA MERECIDAS, NO CONJUNTO DAS MÚSICAS POPULARES DO MUNDO. TIVE A SORTE DE APRENDER A CANTÁ-LA COM A MULTIDÃO DE MÚSICOS MEUS AMIGOS DE SEMPRE E QUE A TROUXERAM PARA LISBOA, TORNANDO-A TAMBÉM NOSSA, POIS O CRIOULO QUE LHE DÁ FORMA TEM ORIGEM NA LINGUA PORTUGUESA. OS BAIRROS ALFACINHAS SÃO AMBIENTE CONDIZENTE COM A SUA MELANCOLIA ENVOLVENTE. OS CABO-VERDIANOS SÃO NOSSOS FILHOS E NOSSOS IRMÃOS E, COMO OS BRASILEIROS QUE CADA VEZ MAIS SE CRUZAM COMIGO NAS RUAS DE LISBOA, DÃO CÔR E LUZ ÀS NOSSAS VIDAS, COM A FORMA COMO FALAM E SE RELACIONAM COM A NOSSA QUASE TRISTEZA CRÓNICA. A MORNA TAMBÉM É O NOSSO ESPELHO DALMA, FAZ UM INVESTIMENTO MUITO FORTE NA "SÔDADE", E DISSO, NÓS SOMOS ESPECIALISTAS.

VITORINO SALOMÉ

L)

Texto de Moacyr Rodrigues para a coleção “Morna – Rainha de Nôs Terra”

Breves notas sobre a história da morna

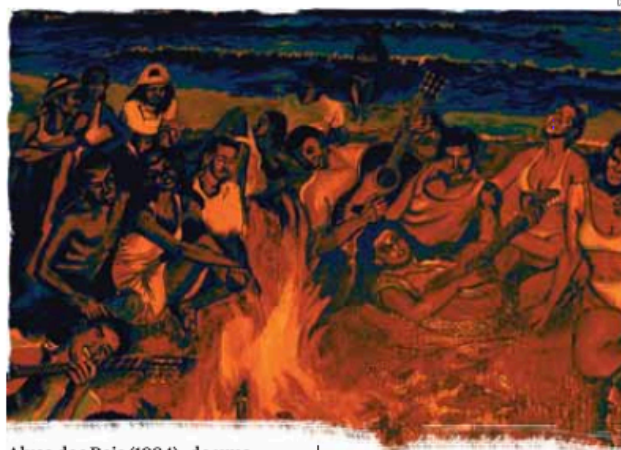


Moacyr Rodrigues

O primeiro registo escrito referente à morna consta do *Relatório dos Serviços de Saúde da Ilha da Boa Vista*, de 1875, do diretor Sócrates da Costa. Este classifica-a como uma música “doidejante e ruidosa”. [1] Contudo, foi muito recentemente noticiada a existência de um relato de viagem de marinheiros russos que, na década de 1860, afirmam ter assistido a uma *performance* da morna no Mindelo, aquando de uma visita à ilha de S. Vicente. [2] Esta informação é concordante com a tentativa de proibição das serenatas, com referência explícita à morna, na mesma década, pelo vogal da Câmara Municipal de S. Vicente, dr. Sallis. Pese embora a dificuldade em encontrar fontes históricas que nos deem informações sobre este género musical, é de referir que o compositor Eugénio Tavares indica a morna Brada Maria como sendo a mais antiga conhecida na ilha Brava, que terá ido da Boavista nos princípios do século XIX. [3]

Pois no século XIX e na primeira metade do século XX ela caracterizava-se essencialmente por ser uma música popular urbana cantada e dançada, com uma estrutura melódica e harmónica tonal, tendo passado de um ritmo binário para quaternário. No acompanhamento instrumental utiliza-se normalmente a chamada rabeça (violino), a viola e o violão. A partir de 1916 foi introduzido o cavaquinho e, nos anos 30, os instrumentos de sopro. Nos anos 1940 e 1950 passou também a

utilizar-se o piano e nos anos 60, surgiram os instrumentos eletrificados com o conjunto Voz de Cabo Verde. Apesar das hipóteses apresentadas até agora sobre a origem da morna carecerem de fundamentação, do ponto de vista das fontes históricas, todos os estudos feitos e testemunhos recolhidos são concordantes em indicar a ilha da Boa Vista como sendo o local onde surgiu. A sua composição e *performance* surgem então sempre associadas a mulheres de origem popular, as cantadeiras. No século XIX e princípios do XX, na Boa Vista, como em S. Vicente, a morna veiculava textos irónicos, trocistas, brejeiros e de crítica individual. Por volta da década de 1930 do século XX, no Mindelo, as cantadeiras foram destronadas pelos homens. É ainda no século XIX, na ilha Brava, fortemente marcada pela emigração para os Estados Unidos da América, que a morna irá sofrer a primeira alteração significativa e iniciar, assim, a trajetória através da qual se transformou numa música nacional. Os seus poetas cultos, com destaque para Eugénio Tavares, passam a cantar a dor que sentem na partida, o amor que têm pela sua ilha e a angústia vivida ao abandonar a terra e deixar a mãe ou a sua *cretcheu*. A temática da partida é também tratada na imprensa periódica que surge então, por Eugénio Tavares e por outros jornalistas, mas aí, expressando claramente um sentimento de revolta e denunciando a política colonial levada a cabo pelo poder, que forçava os bravenses a partir para não viverem na miséria ou sucumbirem às fomes recorrentes que assolavam o arquipélago. Na Brava, a morna passa a ter uma melodia mais vagarosa e calma, tratando-se, segundo o musicólogo



Alves dos Reis (1984), de uma forma reduzida de *lied*, uma melodia sustentada, de intensa dor e resignação, com uma segunda frase bastante expressiva, de grande emoção e sofrimento, mas não de desespero. [4]

Nos poemas das mornas da Brava, o crioulo passa a ser cuidado, com um léxico próprio de um texto literário culto. O violinista José Medina cria uma linha melódica plena de inflexões evolutivas que estivesse de acordo com as letras que produziam os poetas. É na cosmopolita cidade do Mindelo que se dá a última transformação significativa deste género musical, por volta da década de 1930 do século XX. Introduzindo um novo modo de dedilhar o violão, o *spnicá*, Luís Rendall foi o mestre de B. Lêza, compositor responsável pelas inovações que surgem então.

Para além da muito referida utilização quase sistemática do chamado “meio-tom” brasileiro, B. Lêza inspira-se nos elementos musicais da Boa Vista e da Brava e incorpora-os nas suas novas propostas. Ele introduz modulações e acordes de transição e sai dos relatos de pequenos episódios do quotidiano. Contudo, o seu texto poético aproxima-se do dizer quotidiano, com uma escolha criteriosa das palavras musicais, enriquecidas semanticamente pela adjetivação. O compositor alarga a temática da morna e constrói um texto que lhe permite alargar o seu público urbano. Nas mornas de B.

Lêza, que a partir da década de 1940 se impõem no arquipélago, há uma relação íntima entre o texto e a melodia. A música é o suporte das ideias contidas no texto, o que obriga o compositor a cuidar da semântica e da medida do texto, reajustando-a à estrutura da frase musical. Assim, ele abandona os pequenos poemas curtos e irregulares e introduz estâncias mais perto das estruturas da poesia erudita portuguesa, e das composições da Brava, que nascem com Eugénio Tavares. Há uma preocupação estilística na escolha das palavras, na elaboração dos versos e na forma de explorar a prosódia, a pausa e o ritmo interior dos versos, pronunciando as vogais longas ou breves, combinando-as assim à melodia e ao ritmo. Para além do amor romântico e da partida, nas suas mornas alarga-se o leque temático, tornando-se um espaço de expressão de diversos aspetos da vivência coletiva, com destaque para a exaltação da terra.

1 *Relatório de saúde de 1886, referente ao ano de 1875*, in Sociedade de Geografia de Lisboa

2 Milhazes, José. 2014. *Morna cabo-verdiana encantou marinheiros russos*. http://portuguese.ruvr.ru/2014_04_17.

3 Tavares, Eugénio (1969), *Mornas cantigas crioulas*, Luanda, Liga dos Amigos de Cabo Verde.

4 Alves dos Reis, José. 1984. “Subsídios para o estudo da morna”. *Raízes*. n.º 21, Junho de 1984.

Etnomusicólogo

M)

Poema de Vasco para a coleção “Morna – Rainha de Nós Terra”

Diamante de 105.7 quilates



Vasco Martins

Como um diamante raro
Criado no fogo das entranhas da Terra
A morna emerge polida pelo mar e pelo vento
Quinhentos anos de ADN sincopado
Emerge das ilhas um diamante de 105.7 quilates
Único
Único
Como um milagre que só os homens sabem fazer
Emerge um diamante lapidado pelos grandes ourives
Sim esses compositores de alma infinita

Sim esses intérpretes de alma infinita

Mas antes da anunciação o arquipélago estava adormecido
Milhões de anos de erosão silenciosa

Até que os intrépidos navegadores
Encontraram a rota do noroeste
Assim nasceu uma civilização atlântica
Com o estranho nome de Cabo Verde
Rota dos escravos africanos
Dos exilados europeus
Dos exploradores sem rumo
Temível cenário que se dilatou na quântica da Terra

E o diamante cresceu assim polido pelas viagens
Pelo violão de Andaluzia
Pelas modinhas
Pelo tango

Pelo lundum
Pelo fado
Pelo canto pentatónico de África
Pelas ladainhas e rezas
Pela alquimia poderosa quando os povos se cruzam

Canto das ilhas que escaparam à imersão da Atlântida
À perda do continente Mu
Que na Pangeia estiveram no Pólo Sul
Agora estão no Médio Atlântico encostadas ao grande deserto
Ilhas que resistiram às secas e múltiplas fomes
Sobrevieram ao jugo colonial e a ditaduras arcaicas
Sobreviveram sobreviveram
sobrevivem sobrevivem
Tornaram-se mais um país ilhéu do Atlântico

A origem não interessa

Pois ela é o tempo translinear
A origem é o diamante de 105.7 quilates
Superior ao Koh-i-Noor
Que só tem 105.6 quilates
A realeza da morna está no coração
De um povo inteiro
Encantando outros povos
No enlace fascinante da música que une e expande

Morna
Morna
Lamenti
Lamenti
Melancolia existencial
Generosidade existencial
Celebração da vida
Celebração do amor
Filigrana da saudade insular
Enlaçando o coração da humanidade

Músico

N)

Biografia de Cesária Évora para a exposição “Morna: Sons, Personagens e Sentimentos”

CESÁRIA ÉVORA

Mindelo, 1941–2011



Cesária Évora - Cize como é conhecida, nasceu a 27 de agosto de 1941, na cidade de Mindelo, em Cabo Verde, filha de Justino da Cruz Évora, tocador de cavaquinho e violão.

Cresce no Mindelo, à beira do Lombo - bairro mal-afamado, terra de rufias e prostitutas. Ficava com o olhar embevecido, lábios embebidos nos poemas de B. Leza. Cruza a juventude a trautear a doce melodia de "Lua Nha Testemunha" e "Miss Perfumado".

Cresce no Mindelo, à beira do Lombo - bairro mal-afamado, terra de rufias e prostitutas. Ficava com o olhar embevecido, lábios embebidos nos poemas de B. Leza. Cruza a juventude a trautear a doce melodia de "Lua Nha Testemunha" e "Miss Perfumado" e mais tarde cantou-as nos bares da cidade.

Em 1987, conhece José da Silva, Djô para amigos e conhecidos, que fica maravilhado com a sua voz e lhe propõe parceria. O resto da história é património mundial. As salas esgotadas - Tóquio, Paris, Nova Iorque... "Eu canto da mesma maneira numa serenata ou numa dessas salas famosas."

Em 1999, Portugal, agraciou Cesária Évora com a medalha da Grã-Cruz da Ordem do Infante D. Henrique. O galardão Les Victoires de la Musique para Melhor Álbum de World Music foi-lhe atribuído por duas vezes: em 2000 pelo álbum "Café Atlântico" e em 2004 pelo álbum "Voz d'Amor, que foi igualmente premiado em 2004, com o Grammy para Melhor Álbum de World Music.

Em 2009, o presidente francês Jacques Chirac distinguiu-a com a medalha da Legião de Honra de França. Em Dezembro de 2010, no Rio de Janeiro, o Presidente Lula da Silva condecorou Cesária Évora com a medalha de Ordem do Mérito Cultural 2010. E foi, ainda, distinguida com o prémio carreira na gala do Cabo Verde Music Awards 2011.

A cantora é considerada a "Embaixadora da morna", tendo editado 24 discos, entre originais, ao vivo e em parceria com outros artistas de vários países.

A 17 de Dezembro de 2011, a Diva da Morna faleceu aos 70 anos, tendo sido homenageada, título póstumo, com uma estátua no Aeroporto de São Vicente, que a partir de Março de 2012, passou a designar-se Aeroporto Internacional Cesária Évora.